



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, ASSISTÊNCIA E RECREIO

BOLETIM INTERNO

Orientação e Responsabilidade da Secção Técnico-Educacional

ANO IV

DEZEMBRO DE 1950

NÚMERO XXI

<u>ÍNDICE</u>	<u>PAGS.</u>
<u>NATAL</u>	
Rui Barbosa	272
<u>MEDICINA</u>	
"A Técnica de Grid de Wetzel"- por Dr. Oscar Teixeira, Médico do P.I.Itaim	273
<u>EDUCAÇÃO</u>	
"Comemoração nos Parques Infantis"-por Leda Abs Musa, Conselheira de Psicologia.	
"Crianças e seu futuro"- por Olga D.G.De Bortoli, Educadora Sanitária do P.I.Vila Maria	279
<u>EDUCAÇÃO MUSICAL</u>	
" A Música e a criança nos Parques Infantis" (Transcrito de "O Estado de São Paulo") por João C.Caldeira Filho.	286
<u>ASSUNTOS DE HORTICULTURA</u>	
"A Importância da Água na Horta"- por There- za Pedroso, Monitora Agrícola.	289
<u>MATERIAL DIDÁTICO</u>	291
<u>FREQUÊNCIA NAS UNIDADES EDUCATIVO-ASSISTENCIAIS</u>	293
<u>RESENHA BIBLIOGRÁFICA</u>	
por José Eduardo C.Lopes e Jorge O.Coutinho	296
<u>MUSEU E MATERIAL DIDÁTICO</u>	297
<u>BIBLIOTECA ESPECIALIZADA</u>	300
<u>PLANTÃO MÉDICO</u>	301
<u>NOTICIÁRIO</u>	302



... Cristo, como te sentimos bom quando te vemos entre as crianças, e quando as crianças te encontram entre si. Despiando a tua magestade toda, para caberes num seio de mulher e no tamanho de um pequenito, assentaste sobre as almas um imperio sutil e irresistível, por onde a espontaneidade da nossa adoração continuamente se renova e embalsama nas origens da vida. Todos aqueles, pais, irmãos, ou benfeitores, a quem concedeste a benção de amar um menino, e o têm nos braços ou o prenderam, vêm nele a tua imagem, a copia, idealizada pela fé e pelo amor, do eterno tipo do belo. Divinizando a infancia, nascendo e florescendo como ela, deixaste a especie humana a reminiscência mais amavel e celeste da tua misericordia para conosco.

PRECE DE NATAL

R U I B A R B O S A



De cada casa, onde permitiste que gorgoeie e pipile esta manhã um dêsses ninhos tecidos pela providência das mães no meio das nossas agonias, se estão exalando para ti supplicas e os hinos do nosso alvoroço. Por essas criaturinhas, Senhor, e que o nosso espirito se peja de cuidados, e a nossa previsão, agora mesmo, enotecerá de agoiros funestos, se não te vissemos de permeio entre elas e o futuro carregado e temeroso. Deus benigno e piedoso, que em cada uma delas nos deixaste a miniatura da tua face desnublada, poupa-as à expiação das nossas culpas. Multiplica os nossos sofrimentos em desconto dos seus. Doira-lhes o porvir de teu riso compassivo. Cura a nossa patria da aridez da alma, que mata, semeando a tua semente nesta geração que desponta. Permite, enfim, que nossos filhos possam celebrar com os seus, em dias mais ditosos, a alegria do teu natal.



M E D I C I N A

A TÉCNICA DO GRID DE WETZEL

Níveis do desenvolvimento e estado físico das crianças do P.I. Itaim

INTRODUÇÃO

A finalidade do presente trabalho é a de obter, de modo simples, um meio que nos revele as crianças desnutridas que frequentam os Parques Infantis. As causas da desnutrição de cada uma delas, será assunto de outros estudos possíveis e, neste caso, a pesquisa será feita individualmente, baseada nestes estudos coletivos.

A técnica do grid de Wetzel propõe resolver este problema. Vários tipos de técnicas têm despertado algum interesse por parte de vários autores, com muitas publicações neste sentido; no entanto, a presente técnica é a mais útil para as nossas finalidades.

Do ponto de vista clínico, já está determinado que não é sadia uma criança cujo desenvolvimento e crescimento não se processem normalmente. Por esta razão, é de primordial importância, para um programa de higiene geral, para crianças, a avaliação do crescimento, desenvolvimento e estado de nutrição.

O atual trabalho se relaciona apenas aos níveis do desenvolvimento e estado físico das crianças pela técnica de Wetzel. Será objeto de ulterior estudo o exame das idades físicas das crianças e a confecção de um mapa geral do desenvolvimento, o que nos permitirá, finalmente, com uma simples observação, diferenciar as crianças que "vão bem" das que necessitam amparo médico.

NOMENCLATURA DA TÉCNICA

Convém, inicialmente, esclarecer alguns dados gerais sobre a técnica do grid.

No gráfico da direita do grid, as abcissas são representadas pela idade cronológica, em anos. As linhas do desenvolvimento, prolongam-se na parte direita do gráfico e formam as ordenadas deste sistema, distribuindo-se de 0 a 180. Este sistema de coordenadas está cruzado por um sistema de 5 curvas que se denominam auxodromos. O de 67% se denomina auxodromo normal.

Os únicos dados necessários para avaliar o crescimento e desenvolvimento por esta técnica, são: peso, estatura e idade. Com estes dados em mãos procede-se do seguinte modo:

- 1.- marca-se no gráfico da esquerda, a intersecção do peso e altura da criança, com um ponto.
- 2.- lê-se a que nível de desenvolvimento corresponde o ponto.
- 3.- no gráfico da direita marca-se, com outro ponto, a intersecção do nível de desenvolvimento, obtido anteriormente, com a idade em anos e frações decimais de ano.

Se se possui um registro de peso e altura da criança com medidas anuais ou semi-anuais, ou se se faz as determinações do peso e altura, durante vários meses ou anos, no decurso da observação clínica, estes dados são usados da maneira acima descrita, obtendo-se um conjunto de pontos que unidos entre si formam duas curvas.

No nosso caso não temos as pranchas suficientes e, por esta razão, usamos uma ficha simples, na qual anotamos apenas os valores numéricos.



São úteis algumas definições, apresentadas a seguir.

Nível do desenvolvimento: O desenvolvimento é o resultado de combinações do crescimento em peso e altura e a diferenciação com mudanças qualitativas e estruturais. É pois, uma diferenciação de funções, para adaptação.

No grid, mede-se o desenvolvimento por meio de níveis de desenvolvimento. Ele é independente da idade e constituição física, e se pode encontrar o caso de diversas idades e constituição, que tenham alcançado o mesmo grau de desenvolvimento.

O progresso normal, médio, é de 1 nível por mes, aproximadamente.

Grau de nutrição: O crescimento e desenvolvimento no estado de saúde se efetua ao longo do mesmo canal, já descrito na publicação anterior. (Boletim mensal do mês de outubro). Assim, a nutrição normal ou ótima, é a que permite o organismo se desenvolver e crescer, conservando a constituição herdada.

No grid, a nutrição normal produz um desenvolvimento dentro dos canais próprios e na velocidade normal.

Se houver variação para os canais da esquerda, indica que a criança tende para a obesidade e se para os canais da direita, para a magreza.

Estado físico: Entende-se pela técnica do grid, como estado físico, a resultante produzida pelos efeitos combinados do crescimento, desenvolvimento e nutrição, no momento do exame. No caso, então, o estado físico depende de 3 elementos: constituição física, nível do desenvolvimento e grau de nutrição já descritos.

Compreende-se que para a avaliação do estado físico não se pode fazer uma única observação da criança, por não se poder julgar o seu grau de nutrição, pelo desconhecimento da forma da curva que a criança apresenta e, portanto, a sua inclinação em relação ao sistema de canais. Isto é de grande importância para a avaliação do estado nutritivo, devido ao fato de sempre se considerar a possibilidade da criança pertencer, naturalmente, a um dos canais centrais, que se tenha desviado até a situação atual devido a algum processo patológico que tenha afetado a nutrição.

Entretanto, é possível, do ponto de vista prático avaliar-se, aproximadamente, o estado físico pois tem-se dois elementos:

a) - constituição física. (canal).

b) - nível do desenvolvimento.

A avaliação final será feita quando se fizer nova determinação e se verificar a direção da curva, portanto, o grau de nutrição.

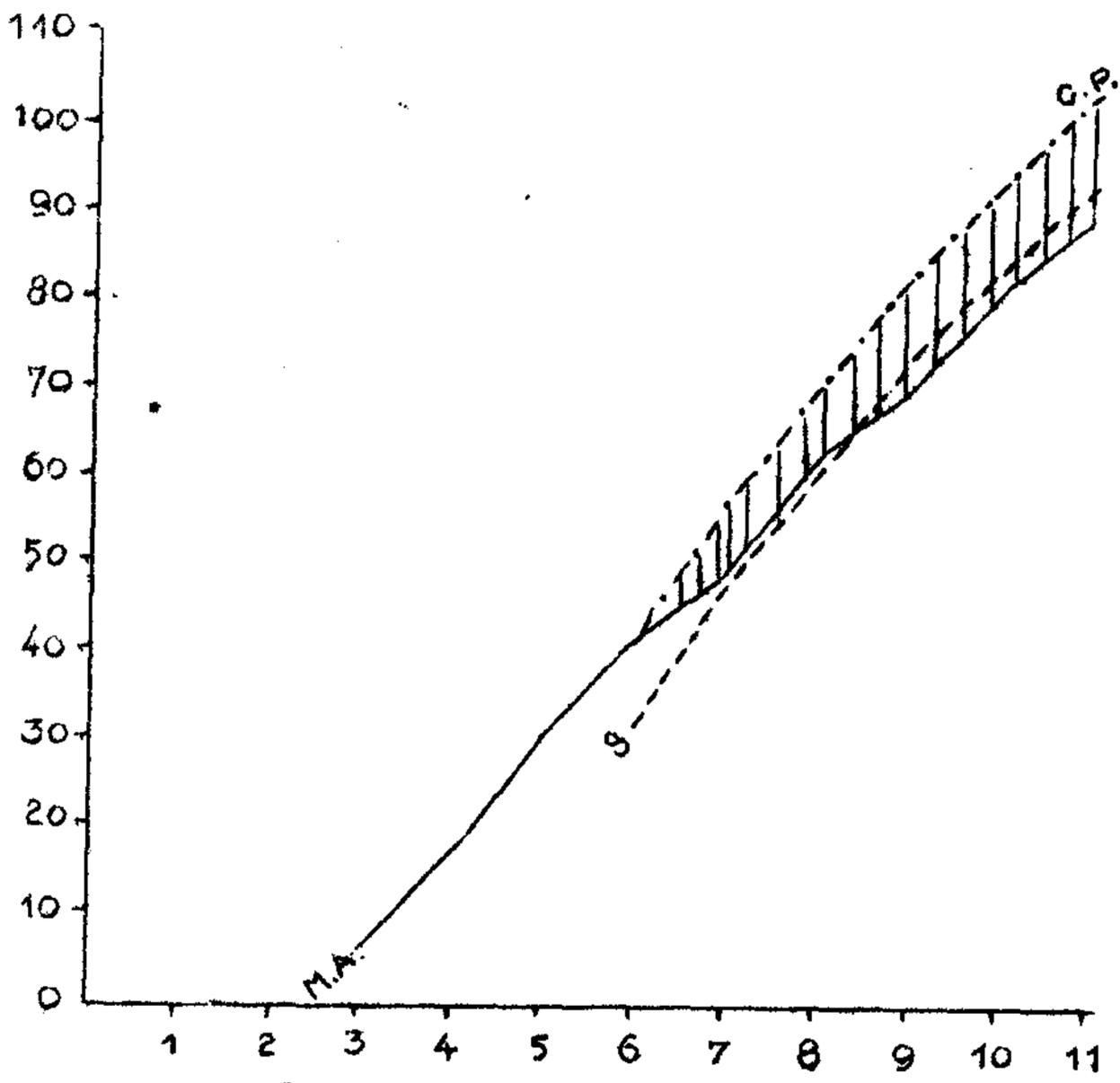
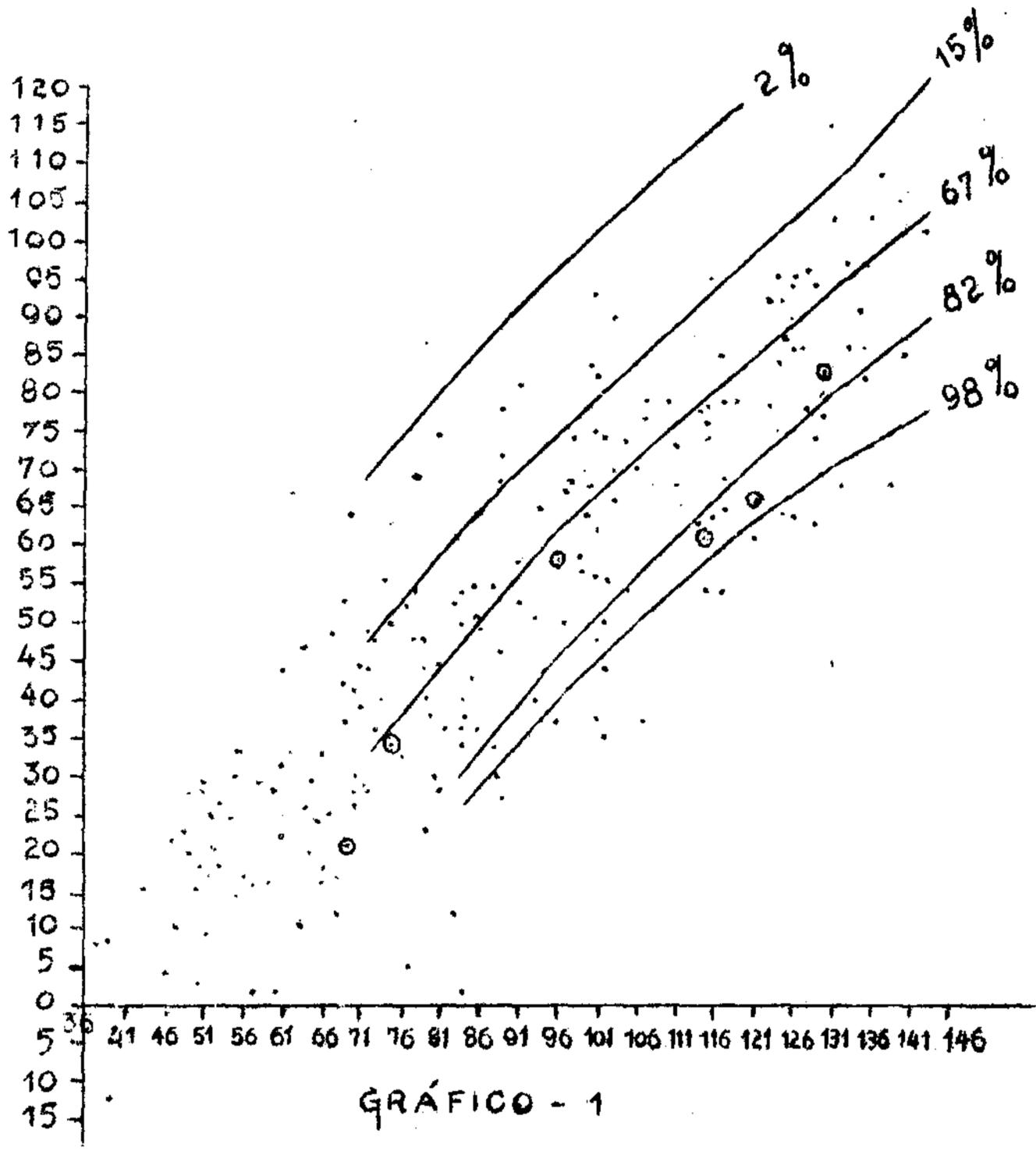
NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO E ESTADO FÍSICO DAS CRIANÇAS DO PARQUE INFANTIL DO ITAIM

Durante o primeiro semestre de 1950 pesamos e medimos 224 crianças frequentadoras do Parque Infantil Itaim. A observação do conjunto é a que segue.

De uma primeira medida da criança, transformamos a idade em meses, o peso e altura em níveis do desenvolvimento; copiamos, a seguir, os auxódromos do grid e o resultado é o gráfico 1.

Cada ponto dele representa o nível de uma criança. De sua análise podemos demonstrar que todas as crianças têm desenvolvimento diferente, com exceção de 6 casos em que houve coincidência de terem a mesma idade e chegaram ao mesmo nível.

É possível que muitas crianças estejam desnutridas, mas à primeira observação, nada podemos concluir; apenas, é de se notar que



——— MEDIA ARITMETICA
 - - - CURVA STANDARD
 ···· CURVA PREVISTA

GRÁFICO - 2



encontramos muitas delas abaixo do auxodromo 98%, e outras, muito abaixo; nestes casos, admitimos, como suspeita para um exame clínico mais apurado, do qual já demos uma ideia na publicação anterior. Nesta mesma inspeção pode-se ver que o conjunto é mais ou menos homogêneo em torno do auxodromo 67%. O que nos chama a atenção, porém, é que até 90 meses de idade encontramos muitos níveis acima de 15% e, a partir desta idade, eles se tornam escassos.

Podemos admitir que seja apenas uma coincidência, pois, o ideal do indivíduo é manter o seu nível, ou seja o ganho de 1 nível por mês ou 10 por ano. A coincidência, no caso, seria a de termos encontrado, apenas, crianças de físico constitucionalmente menor.

O mais lógico, porém, é se considerar que seja por perda de velocidade de desenvolvimento.

Baseado nesta premissa, investigamos melhor o nosso problema, do seguinte modo:

Transformamos a idade de meses em anos e determinamos a média aritmética dos níveis dos indivíduos em cada ano, de modo que os limites de classe ficaram de 12 meses. Assim, aos 3 anos, correspondem os meses 36-47, aos 4 anos, 48-59, etc.

A seguir, determinamos a diferença entre uma média e outra do ano seguinte, e fizemos o mesmo com a média da curva standard, para efeito de comparação. Obtivemos o desvio padrão para termos ideia do grau de dispersão. Calculamos, depois, o erro provável da média, para termos noção do seu valor quando comparado com outras médias. De modo geral, o erro provável é alto, devido ao número escasso de indivíduos que podemos obter (sabe-se que o erro provável da média diminui com o aumento do número de indivíduos). O resultado disto está no quadro 1.

QUADRO 1

Idade	Média	Dif. da Média	Dif. da Standard	Desv. Pad.	Er. Pad.	Er. Pro. Média	TOTAL CRIANÇAS
3 anos	6,62			9,8	3,5	2,36	8
4 anos	17,08	10,46		10,5	2,18	1,47	24
5 anos	31,00	13,92		13,7	2,42	1,63	32
6 anos	41,90	10,90		14,5	2,68	1,80	30
7 anos	49,00	7,10	16	16,0	3,01	2,03	30
8 anos	63,20	14,20	13	15,8	2,63	1,77	36
9 anos	70,40	7,20	13	10,8	2,25	2,51	24
10 anos	82,70	12,30	10	12,1	2,16	1,45	29
11 anos	89,70	7,00	10	14,3	4,32	2,91	11
						Soma.....	224

A nossa tarefa seguinte foi, com estas médias, construir o gráfico 2. Nêle colocamos também a curva standard. Baseados no fato de que o desenvolvimento deve seguir o seu próprio auxodromo, podemos prever o desenvolvimento ideal para estas crianças; esta curva ideal deveria seguir, partindo do nível em que ela chegou aos 6 anos, correr mais ou menos paralelamente à curva standard. Esta será, pois, a curva teórica pela qual deveria seguir a média destas crianças.

O exame do gráfico é bastante claro. A curva da média aritmética, a partir do 6º ano, sofre modificações que tendem a aproximá-la do auxodromo standard, o qual atravessa entre os 8-9 anos.



Por outro lado, a comparação das diferenças da curva média entre um ano e outro, e a curva standard, demonstra que ela é muito diferente nos anos 6-7; 8-9 e 10-11, enquanto nos anos inferiores a 6 é mais ou menos estável, dentro do normal.

O desvio padrão é maior nos anos 6, 7, 8 e 11 anos, indicando maior dispersão dos níveis alcançados. As suas causas deverão ser pesquisadas em outros estudos, mas deverão ser iniciadas pelas crianças dentro daquela idade.

A área cheia do gráfico representa, pois, a perda de físico durante os 6 anos de evolução. O valor calórico desta área poderia ser calculado, mas é de pouco interesse, porque estes números representam médias e não são valores individuais.

A área e, entretanto, cada vez maior para os últimos anos, indicando que as condições nutritivas das crianças em evolução não são suficientes para suportar as condições que lhes são impostas pelo meio, e portanto necessitam maior proteção.

Esta área de perda de físico, não é grande quando comparada com outras que tenho visto, mas seria útil a sua comparação com a de crianças de outros Parques, principalmente com os de diferente meio social e econômico, para termos ideia do seu valor dentro da mesma cidade.

Nesta mesma ordem de ideias, classificamos estas mesmas crianças por seus canais, com o fim de esclarecer a sua constituição física. O resultado foi o tabulado no quadro 2.

QUADRO 2

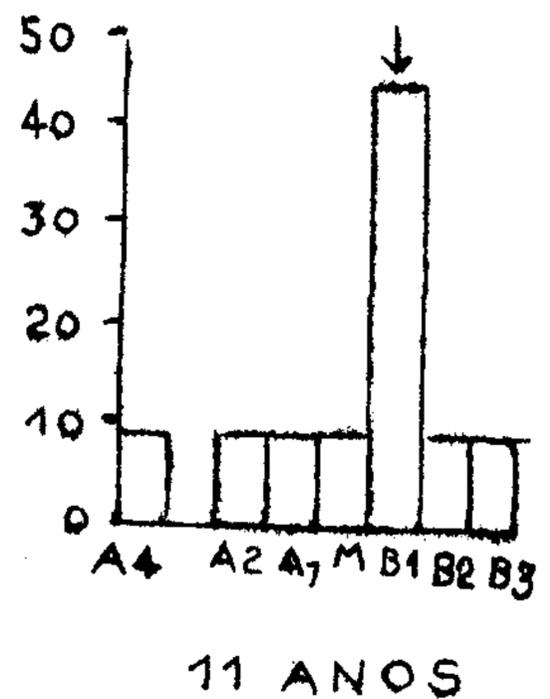
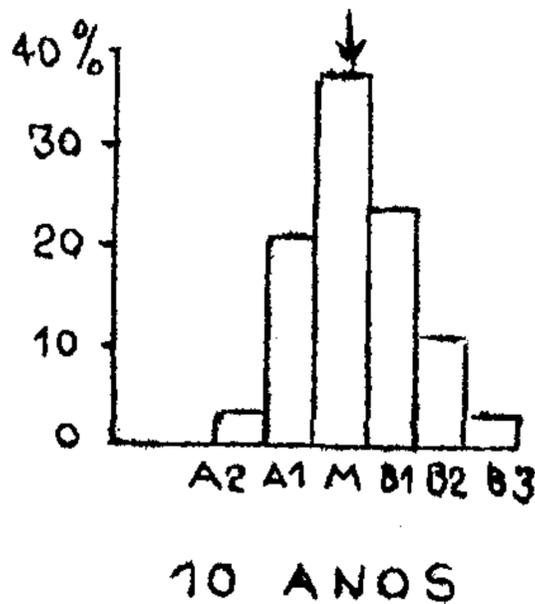
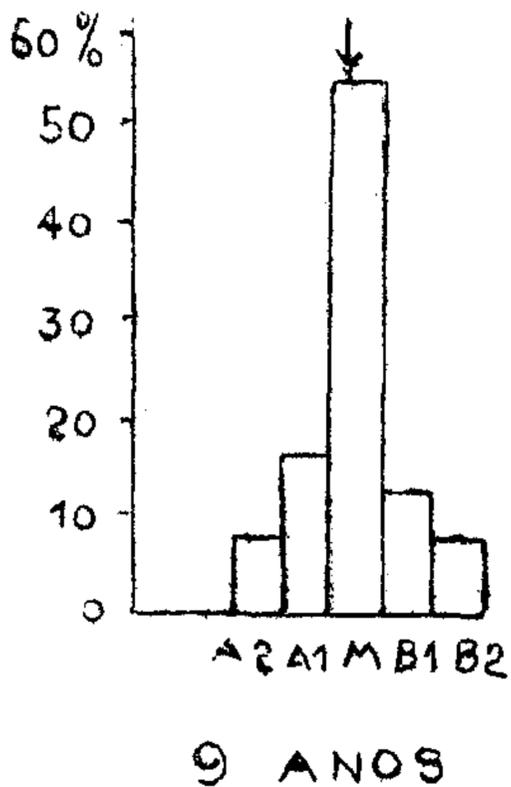
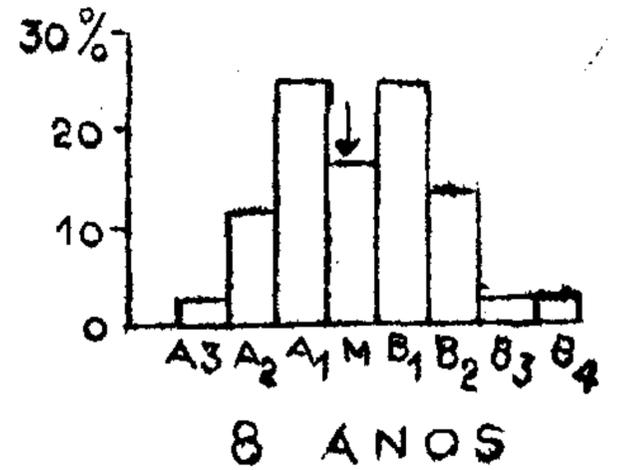
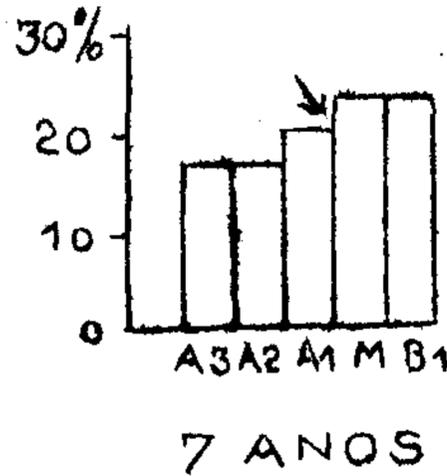
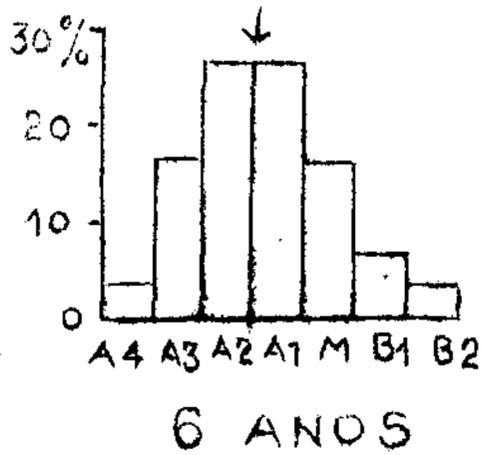
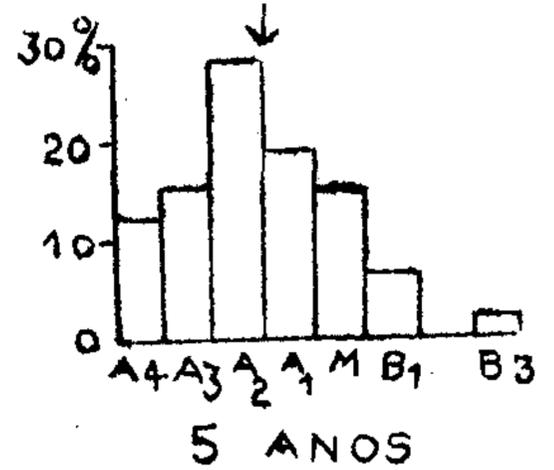
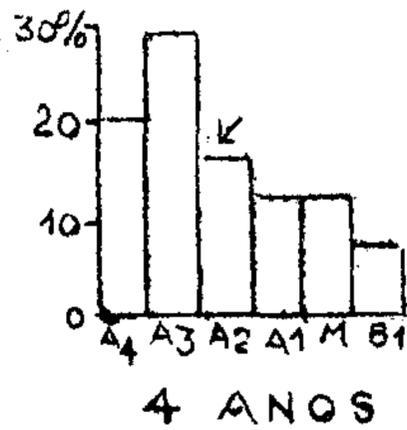
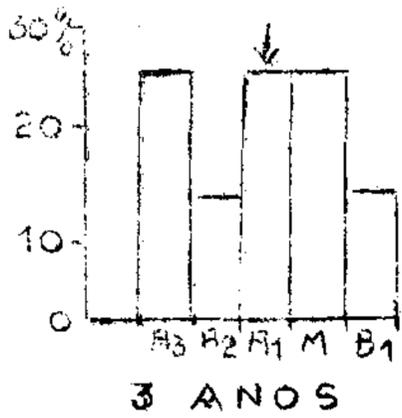
Idade	C A N A I S									Total
	A1	A3	A2	A1	M	B1	B2	B3	B4	
3 anos	2	2	1	2	2	1	-	-	-	8
	20,8	25	12,5	25	25	12,5	-	-	-	
4 "	5	7	4	3	3	2	-	-	-	24
	20,8	29,1	16,6	12,3	12,3	8,3	-	-	-	
5 "	4	5	9	6	5	2	-	1	-	32
	12,4	15,6	28,0	18,7	15,6	6,2	-	3,2	-	
6 "	1	5	8	8	5	2	1	-	-	30
	3,3	16,5	26,4	16,5	16,5	6,6	3,3	-	-	
7 "	-	5	5	6	7	7	-	-	-	30
	-	16,5	16,5	19,8	23,1	23,1	-	-	-	
8 "	-	1	4	9	6	9	5	1	1	36
	-	2,7	11,0	24,9	16,6	24,9	13,8	2,7	2,7	
9 "	-	-	2	4	13	3	2	-	-	24
	-	-	8,3	16,6	54,0	12,3	8,3	-	-	
10 "	-	-	1	6	2	7	3	1	-	29
	-	-	3,4	20,4	37,4	23,8	10,2	3,4	-	
11 "	1	-	1	1	1	5	1	1	-	11
	9	-	9	9	9	45	9	9	-	

NOTA: Os números superiores representam o número de crianças, os números inferiores as suas porcentagens.



Sabe-se que o sistema de canais não tem muito valor para as crianças até 5 ou 6 anos porque eles variam muito, mas, depois destas idades eles permanecem no mesmo quando não há prejuízo da saúde.

A serie de graficos apresentados a seguir, provêm da tabulação do quadro 2; a seta se refere a mediana de cada idade, esta corresponde a um ponto que tem metade dos individuos antes da seta e metade depois dela.



O que chama a atenção neste conjunto de gráficos é que, aos 6 anos, a mediana cai no canal A1, aos 7, no fim do canal A1 e aos 8, no meio de M; há, pois, queda da constituição física, com tendência para a magreza, mas, apenas de 1 canal. Mais especificamente, eles tendem, de robustos aos 6 anos, a medios, aos 7 e 8 anos. Conservam este canal M,



dos 8, 9 e 10 anos, e depois, aos 11 anos tornam-se mais magros e passam ao canal B1.

A queda da constituição física é nítida, se bem que pequena; pois, em última análise, vai do canal A1 para B1, canais estes médios.

COMENTÁRIOS

Com a técnica de Wetzel chegámos a algumas conclusões sobre o estado nutritivo e físico das crianças do Parque Infantil do Itaim. Estas conclusões não são muito rigorosas, por ser escasso o numero de representantes. Conseguimos, no máximo, 36 crianças para cada idade.

Concluimos que existe queda do estado físico por diminuição da velocidade de desenvolvimento e também queda do grau nutritivo, demonstrado pelos canais.

A fim de corrigir estes defeitos devemos seleccionar as crianças cujo estado nutritivo é deficitario e trava-las, adequadamente, já que nesta exposição fica demonstrado que esse estado existe realmente.

A comparação destes valores de agora com os mesmos a serem obtidos em outras épocas, demonstrará a evolução que estas crianças seguiram e nos dará informações sobre o valor das medidas corretivas adoptadas.

Pretendemos, depois, organizar um mapa geral do estado físico, para o tratamento dos casos individuais, isto é um mapa que nos permita identificar as necessidades individuais, a fim de seleccionar as que têm mais urgência, para o devido tratamento.

Dr. Oscar Teixeira
Médico do Parque Infantil Itaim.



COMEMORAÇÕES NOS PARQUES INFANTIS

Não há negar que dentre as atividades desenvolvidas num Parque Infantil, as comemorações, pela frequência e proximidade com que se realizam, ocupam situação de proeminência como oportunidade de Educação pela Recreação. E, se a Educação integral, abrangendo o homem em toda a sua complexa realidade é a meta estabelecida para as atividades desenvolvidas em nossas Unidades, constituem, o preparo e realização de festividades, oportunidade valiosa de Educação Física, Moral, Estética e Intelectual, já que oferecem condições para manifestações sensoriais e intelectuais, constituindo-se não unicamente em fonte de prazer, mas, em oportunidade de influência moral e em meio preciso de Educação.

Todavia, nem sempre tem este espírito animado nossos funcionários na organização de festas nos Parques, o que dá margem a críticas e impõe uma orientação. Para maior clareza de exposição vamos considerar uma festa em suas três fases:

- a) planejamento;
- b) preparo;
- c) realização.

a) PLANEJAMENTO

A primeira pergunta que ocorre - "todas as diretoras planejam, de fato, uma festa antes de realizá-la?" - a resposta é pura e simplesmente - "Não!" É muito dificilmente está fadada a bom êxito, a festa preparada sem unidade, fruto dos esforços isolados dos funcionários. Duas são, normalmente, as consequências que daí advêm:

- 1) aparência de improvisação quando da realização da festa, com falta de coordenação entre os números, que frequentemente, utilizam as mesmas crianças, o que os separa com intervalos longos e desagradáveis; desequilíbrio quanto a natureza dos números apresentados, notando-se às vezes, numa mesma festa, repetição de um determinado gênero o que se torna desinteressante e monótono.
- 2) Injustiça na atribuição de responsabilidade aos funcionários e zeladores, ficando, geralmente, sempre o mesmo período sobrecarregado, e sempre os mesmos funcionários investidos dos encargos mais pesados.

Um bom planejamento de festa deve abranger: a seleção dos bailados, diálogos, cantos e dramatizações, escolhidos de acordo com a idade da criança e lembrando que as comemorações nos Parques têm uma finalidade educativa e não a formação de artistas para palco; a escolha do guarda-roupa adequado ao seu desenvolvimento; a determinação do tipo de ornamentação a ser preparado; a distribuição dos encargos de ensaio e decoração; e, no dia da festa, a designação escrita dos zeladores para limpeza e preparo especiais do prédio, serviço de portaria, auxílio na realização da comemoração, auxílio na manutenção de disciplina, distribuição de merenda; e de funcionários para o preparo, pintura e controle das crianças que interpretam, manutenção de disciplina, recepção de autoridades, mães e visitantes, distribuição de convites, etc. Tais medidas, que podem parecer à primeira vista exageradas, mas que a prática nos mostrou eficientes, impedem sobrecarga e desordem durante a festa, a atribuição de encargos dando ao funcionário responsabilidade maior. Medida muito proveitosa é reservarem-se a um período as obrigações de ornamentação e ao outro as de ensaio, alternando-se eles de uma festa para outra no desenvolvimento desses encargos.



As planejarem uma festa lembrem-se os educadores de que comemorações muito longas são exantivas e anti-pedagógicas, levando as crianças ao desinteresse e à indisciplina; diálogos, dramatizações e embo-ladas muito compridos têm, em virtude das dificuldades de acústica e ineficiência dos aparelhos de som, um efeito bastante desagradável; e, sobretudo, lembrem-se as diretoras de que o Parque não é somente o lugar onde a criança brinca, toma banho e lanche, aprende a cantar e a dançar - mas também, onde recebe Educação Sanitária e Educação Física, cujos resultados encontram nas comemorações ótima oportunidade de serem evidenciados. Tem-se ouvido em que, de todas as festas de Parques, faziam parte, obrigatoriamente, demonstrações e jogos realizados no campo. Hoje, com raras exceções, que por raras se tornam mais brilhantes, as festas se vão cada vez mais assemelhando às festas de Grupo Escolar, com seus números individuais, seus monólogos e seus bailes, como se no Parque as crianças vivessem somente nas áreas cobertas e as aulas dramatizadas para pequeninos, a ginástica rítmica, os exercícios com arcos e alteres, os jogos motores em toda a sua variedade, já não fossem aqueles elementos de beleza e valor que todos nós, ainda que leigos no assunto, sabemos apreciar.

b) PREPARO

Não sei quantos já se dispuseram a verificar ^{próximas} ~~as~~ ~~festas~~ nos Parques - e não implica esta observação em críticas ao fato de tal sorte que, realizada uma, iniciam-se os preparativos para a próxima. Sendo assim, pelo menos teoricamente, as comemorações são, por assim dizer, "centros de interesse", coordenando e orientando atividades. Têm, porém, elas sido aproveitadas nesse sentido? Parece que não, principalmente quando se verifica a falta de correspondência entre as várias atividades, a precariedade de palestras, explicações e campanhas referentes à data que se comemora. Nesse sentido, creio que o espírito das comemorações tem sido completamente desvirtuado, deixando de ser meio fecundo de Educação, para se constituírem, elas mesmas, num fim: o de exhibir, a um certo número de expectadores, umas tantas crianças em demonstrações de bailado ou de dramatização, sem que isso se entrose com o programa previsto para nossas Unidades, e sem que daí advenha, realmente, algo de proveitoso do ponto de vista educacional.

O preparo de uma festa não significa, absolutamente, que as crianças não participantes devam ser mantidas em abandono, desacompanhadas, e, durante todo o período entregues às atividades de aparelho. Os ensaios devem ser desenvolvidos sem prejuízo das atividades normais, ou melhor ainda, envolvendo essas atividades. Consideração especial merece a escolha das crianças figurantes nos números ensaiados para as festas; aos que as assistem com assiduidade e dão observar como são sempre os mesmos intérpretes que aparecem, não só em todas as festas, como em todos os números. É fácil apanhar-se uma criança naturalmente bela, graciosa e maleável, ou uma outra que recebe aulas de bailado, ou uma última que aprende piano e canto, e com elas organizar uma festa. Que valor educativo há em tudo isso, porém? Nenhum. Valor existe em se tomarem os trabalhos os menos graciosos, os encabulados e deles conseguir que participem com eficiência de uma festa ou de uma demonstração. A escolha dos números apresentados deve, por isso, ser dirigida aos temas singelos e rudimentares, pois, "a criança, quanto a sua sensibilidade estética, só se satisfaz com a sensação das coisas com as quais se sente identificada - o entredo que não exige qualquer esforço de pensamento, o jocosos da modinha popular, a imagem grosseiramente colorida, a melodia fácil, cujas impressões prevêm antes de serem ouvidas."

Chegamos agora à questão de ornamentação, convites, etc., para cujo preparo exigem-se variadas atividades manuais. A educação dos sentidos e o desenvolvimento das aptidões manuais são questões de inegável valor num programa educativo - questões que, infelizmente, não têm sido consideradas pelos nossos técnicos. Convidamos para uma festa, e o que se observa? A confecção do próprio convite, pelo apuro e requinte de detalhes, está a atestar o esforço de um adulto, suas habilidades e seu gosto artístico; mas, que testemunham do Educador eficiente? Barras, e...



e enfeites de parede e palco são, muito frequentemente, fruto do trabalho de funcionários, fechados em salas, durante o horário de expediente, enquanto as crianças, abandonadas, brincam sozinhas ou brigam.

O Museu da Seção Técnico-Educacional, entregue ao cuidado extremado de um técnico de competência indiscutível, enche-se, todavia, de objetos e trabalhos, cujo significado como obra de Educação, podendo ser inestimável e, entretanto, quase nulo.

Uma das mais valiosas contribuições à Pedagogia moderna é devida a Kate Wofford, com suas afirmativas referentes a capacidade criativa das crianças, com elas fazendo ruir três mitos:

- 1º) o de que nem todos os Educadores têm aptidões para orientar atividades artísticas;
- 2º) o de que as atividades artísticas devem ser desenvolvidas isoladamente e não, completando o conjunto de todas as mais atividades desenvolvidas numa Unidade Educacional.
- 3º) o de que apenas crianças com dotes especiais podem se aplicar, eficientemente, a atividades artísticas.

O tolhimento em que outrora viviam os professores ao ensinar uma cançoneta, um bailadinho ou a confecção de um enfeite não tem mais razão de ser quando se considera que não se está na expectativa de uma obra de arte, mas, de demonstrações que provêm as crianças estarem sendo trabalhadas, revelando treino e desenvoltura. Os livros especializados são também fonte valiosa de sugestões e orientação. Por outro lado há crença de que somente as crianças prodígios são capazes de pintar, desenhar, dançar e modelar com arte. Crianças excepcionais existem, sem dúvida, poucas felizmente, pois, orientadas frequentemente de maneira errônea, ao fim de certo tempo estão prejudicados, a criança e o dom. Valiosas são as atividades desenvolvidas com as crianças do tipo médio - crianças comuns, cuja capacidade artística é menos brilhante mas inegável-herança capaz de ser partilhada por todas. Adequadamente orientada e suficientemente motivada, qualquer criança pode e deve dedicar-se a atividades artísticas, ainda que nem todas sejam artistas potenciais, e mesmo em se considerando as diferenças individuais.

- REALIZAÇÃO -

Chegamos agora ao término de nossas considerações - Planejada a festa segundo as exigências psico-pedagógicas, ensaiada afetiva e eficientemente, sem abandono da maioria das crianças e sem exigências extenuadoras e despropositadas feitas às outras poucas, a ponto de traumatizá-las passemos à comemoração em sua realização propriamente dita. Que as crianças participem da ornamentação, arrumação e limpeza do Parque, oferecendo assim sua contribuição ao êxito da festa; que a colaboração das mães seja solicitada para que os uniformes estejam impecáveis; que a entrada para o Parque, de crianças e convidados, se faça com calma e ordem; que se providenciem acomodações para todos; sirva-se a merenda antes da festa - crianças alimentadas e confortavelmente instaladas são mais interessadas e quietas, o que contribui para o bom êxito da reunião.

Se houver esquecimento, confusão ou tolhimento dos participantes, quer nas atividades de palco quer nas de campo, evitem os educadores repreendê-los ou diminuí-los; a convicção de sua própria ineficiência e o controle punitivo exercido pelos colegas, em suas críticas e no seu desapontamento, já constituem castigo suficiente. Ao Educador cumpre amparar mormente a criança que "faz feio", tendo em melhor conta a capacidade de compreensão e simpatia dos expectadores, e sanando a possibilidade de traumas que demoram seus maus efeitos até a idade adulta. Esse elemento de amparo é dos que exercem influência valiosa na vida humana, grande instrumento na obra de Educação; sem a crítica inadequada dos adultos o trabalho infantil será sincero e vivido, e a criança poderá ser antes de tudo, e sinceramente ela mesma.



Organizemos, pois, nossas festas, não demonstração às autoridades, mas para as crianças; proporcionando-lhes momentos diferentes, gulodices agradáveis, espetáculos artísticos adequados a sua idade e gosto; oferecendo-lhes oportunidades de dançar, competir e participar de uma demonstração, ainda quando não o façam com extrema graça e propriedade - não estamos em Teatros mas em Instituições Educacionais; não estamos formando artistas, mas educando; não desejamos distinguir ou inferiorizar, mas oferecer alegria e felicidade.

Leda Abs Musa
Conselheira de Psicologia
e
Encarregada do Laboratório
de Investigações Educacionais.



CRIANÇAS E SEU FUTURO

Palestra proferida às mães dos educandos do Parque Infantil Vila Maria, durante a Semana da Criança, de 1950.

Todos sabemos que a expressão - Criança - significa, ao mesmo tempo, alegria, dor, sacrifício, cuidados e esperanças.

De fato, toda criança ao nascer é apenas uma promessa. Uma promessa bonita, florida de anseios maternos. Uma promessa que todos nós desejamos que se cumpra, tal como a imaginamos.

Essas florinhas humanas são delicadas e, tanto quanto as do jardim, exigem cuidados, antes e depois de desabrochar. Entre elas, porém, há muitas diferenças. Uma é bem saliente: as flores dos jardins, dos vasos, ou dos campos, nascem e desabrocham sozinhas, silenciosamente; entretanto as florinhas - gente - já aparecem estrilando.

É a única defesa natural que elas trazem - o estri-lo - todavia, êsse só é válido quando encontra êco no amor dos pais e no coração das pessoas verdadeiramente humanas.

Fóra daí, a criança é um ser inocente, exposto a tôdas as adversidades.

Ainda depois de crescida, a criança continua perigando, pois, não sabe, e nem tão pouco pode defender-se, contra o meio em que vive, como também contra os perigos que a cerca.

É o caso de nós perguntarmos: -será que existe alguém capaz de fazer mal a uma criança?

Infelizmente existe, sim, pois, todos nós conhecemos inúmeros casos e alguns até horríveis.

Existem os brutos, os perversos, que não podem nem mesmo ser comparados com as feras, porque estas causam danos sem saber o que estão fazendo. As feras humanas, os homens perversos, no entanto, externamente se parecem com os bons, sendo difícil diferenciá-los.

Por essa razão, as pessoas de boa fé e, especialmente as crianças, andam desprevenidas; mesmo a gente grande só fica conhecendo êsses indivíduos depois que êles praticam o mal.

Há uma cousa, no entanto, que nos deve preocupar. É a seguinte: êsses indivíduos também foram gerados, tiveram mães nasceram e também foram crianças. Que foi que os tornou assim? Qual foi o motivo ou a causa que os diferenciou tanto dos outros, depois de crescidos, a ponto de saírem do caminho do bem, para tomarem o caminho das atrocidades?

Isso parece um mistério, não é? entretanto, não há segredo nisso e nem mesmo mistérios. Hoje, os que estudam essas questões, sabem, perfeitamente, porque uma criança inocente, linda e engraçada, pode tornar-se quando homem ou mulher, um desses monstros.

O mais importante ainda, é poder afirmar que já se sabe como proceder para que uma criança não se transforme em um ser perverso.



É motivo de alegria poder dizer-se que de quase todas as crianças, é possível fazer cidadãos úteis, grandes homens, bons trabalhadores, perfeitos chefes de família, ou filhos, esposas e mães queridas.

Sim, toda criança normal, quando convenientemente guiada, desde o início de sua vida, pode, perfeitamente, tornar-se a alegria dos pais e até a glória da própria humanidade.

Ninguém se espante, se agora eu disser que, de certo modo, todos nós somos maus para com as crianças. Vou explicar; todos aqueles que tem de lidar com crianças, sem saber fazê-lo, não podem, absolutamente, ajudá-las; por isso, ainda que o queiram, não podem ser bons para com elas. Isso quer dizer que, para ser mau para com uma criança não custa muito. Prejudica-se-lhes o futuro, com ações ou atitudes que podem parecer inocentes a nós grandes.

Podará parecer absurdo, mas, às vezes, a gente está prejudicando uma criança por descuido e até por amá-la demasiado. Os ninhos exagerados, a satisfação de todas as vontades das crianças, assim como a tomada de certas atitudes diante delas, pensando que as mesmas não entendem, são fatores que concorrem para a sua corrupção. Isso tudo torna-se mau, porque dificulta o trabalho posterior de educação.

A criança para se desenvolver, já o dissemos, precisa de muitos cuidados e atenções, assim como: alimento sadio, higiene, carinho, compreensão e exemplos bons.

Se a nutrição e a higiene fortalecem o físico, tornando o menino sadio e forte, o amor, por sua vez, assim como a compreensão e os bons exemplos, formam e preparam o caráter, o temperamento, e a índole do futuro homem.

Se a instrução e a disciplina ^{ser} adquiridos na escola, é no lar que os bons exemplos devem ser dados, através do comportamento dos pais e dos demais familiares. Os exemplos dos pais, são os que mais influenciam o futuro de qualquer criança: menino ou menina.

Muito mais do que podemos imaginar, as crianças, sem que o percebamos, escutam, vêm, prestam atenção, e apreendem o que, ao seu redor, está se passando. A criança, de certa idade, pode ser comparada a uma esponja que se embebe de tudo e, principalmente, daquilo que não compreende bem. Se isso é assim, é fácil entender que a esponja mergulhada em água limpa não se contaminará com as impurezas. Os exemplos dos pais devem ser, simplesmente, puros e bons, como a água limpa. Tanto mais, melhor!

Chegamos assim ao ponto mais importante dessa conversa.

Agora, podemos dizer, sem receio de ser mal interpretados que é no lar, no seio da família, que se prepara o futuro das crianças! E esse futuro será bom ou mau, de acordo com a qualidade do lar!

A qualidade do lar depende antes de tudo dos pais. Desde já, cumpre esclarecer, que essa qualidade se refere aos bons costumes e não às posses ou riquezas.

Mesmo nos lares pobres nada impede que os exemplos sejam bons. Ao contrário, é justamente nos lares simples, nos lares modestos, onde a qualidade dos pais presta o melhor serviço no preparo do futuro dos filhos.

É no lar modesto, bem guiado, que a graça e as virtudes encontram mais probabilidades de florêscer e onde elas têm mais mérito, quando existem. Isso é verdade, porque todos reconhecem que o conforto



exagerado amolece pais e filhos. As facilidades, em demasia, tiram o estímulo para o trabalho e preparam o caminho para os vícios.

A história do mundo prova, também, que os grandes homens, os que todos nós veneramos pelo tanto que fizeram pela humanidade, em sua maioria, saíram dos lares modestos e até bem pobres.

Jesus é o exemplo mais brilhante!

O máximo da eficiência se obtém nos lares bem formados, isto é, nos que assentam sobre bases legais e cristãs, nascidos de casamento civil e religioso. O casamento civil para, cumprir as leis que o regulamentam como dever cívico e para garantir os direitos civis dos esposos e dos filhos; o religioso para consagrá-lo a Deus!

Essas dois atos são, portanto, o fundamento básico, principal, para que possa existir o lar, pois casamento e lar são cousas indissolúveis.

Quando as cousas não se passam dessa maneira, os filhos pagam os erros do desajustamento e isso deve ser evitado a todo custo.

Nem todos os filhos são frutos do lar. Muitos são resultados de combinações e de arranjos ilegais. Isso é mal para todos: para os pais, para as crianças e para a sociedade, em geral.

Os filhos devem provir do lar legalmente constituído. E o lar, bem e sabemos, deve contar, na pior das hipóteses, com um anjo tutelar, sempre pronto para socorrer, ensinar, corrigir e velar pelos entes que o compõem. Esse anjo tutelar é a esposa, mais do que isso, não:

A mãe, digna desse sagrado nome, ajudada pelas leis morais e cívicas, é uma fortaleza sem par! As belezas que se escreveram, e que ainda se poderão dizer sobre o que representa para a humanidade, o papel de mãe, são insignificantes diante do seu verdadeiro valor.

É pois, para esse ente, capaz de fazer cousas maravilhosas que devemos apelar. Procuremos, com os meios ao nosso alcance, ajudar aqueles que estão fora do caminho certo, a regressar para ele, formando o seu lar em bases sociais e cristãs, em favor do futuro dos filhos.

Esforcem-se todos para que os companheiros se transformem em esposos ou maridos legais. Que as mães trabalhem e se apliquem para conseguir a união regular e, um lar onde embora a pobreza não permita grandes confortos, reine a chama de amor familiar, a segurança das leis e o bafejo das bênçãos de Deus.

Os que verdadeiramente amam a criança, têm nesse trabalho grande oportunidade de se exinirem de ser catalogados entre os maus por desleixo ou negligência.

Importante é ter sempre presente que, tudo o que se fizer de bom a favor desses casais, refletirá, diretamente, sobre os filhos. Isso agrada a Deus, engrandece a dignidade humana e glorifica a Pátria.

Olga D. G. De Bortoli
Educadora Sanitária do P. I. 10



E D U C A Ç Ã O M U S I C A L

A Música e a criança nos Parques Infantís

Transcrito de "O Estado de São Paulo" de 24-2-942.

João C. Caldeira Filho.

Assistir, recrear, educar são os princípios que envolvem num manto de proteção e carinho as crianças dos Parques Infantís de São Paulo. Em visita a dois deles (Ipiranga e D. Pedro II) verifiquei de que modo as crianças de modesta condição (consequentemente de modestos recursos para instrução, higiene etc.) são assistidas moral e materialmente, sob cuidados médicos, e objeto da solicitude das instrutoras; vi como se dá a recreação pelos jogos variados e divertidos, pelo canto em conjunto, verdadeira escola de alegria e energia, e como se processa a educação num ambiente e com recursos inegavelmente superiores aos que as crianças encontram nos lares.

Ao sair, eu e outros visitantes presenciamos numa esquina próxima esta cena: num grupo, dois operários, um dos quais já de cabeça branca, discutiam, por pouco não chegaram a agressão com as ferramentas que traziam, e tudo isso em meio de insultos e palavões. Algumas crianças faziam roda, interessadas, recebendo o veneno, daquele exemplo com uma inconsciência e avidez que nos comoveu. A 100 metros dali, no P.I., algumas dezenas de crianças brincavam e cantavam ainda, ignorantes de espetáculo tão deprimente. O simples contraste da situação desses dois grupos de crianças põe em relevo o valor dos Parques Infantís.

Da rua ouvíamos algumas vizinhas a repetir uma das cantigas aprendidas na hora de canto orfeônico a cargo do Prof. Martin Braunwieser, pelas quais vai a criança tomando contacto com a música no seu aspecto mais espontâneo, o canto, e, por este, como veremos, com umas tantas realidades necessárias a integração do indivíduo nas tradições da sua pátria.

Alem disso, a atividade orfeônica tem apresentado problemas interessantes e permitido observações e conclusões práticas que, se não têm valor experimental científico, não deixam de ser úteis como orientação a professoras que tiveram de operar nas mesmas circunstâncias com crianças, por assim dizer, da rua, pelo processo de recreação, sem constrangimento algum, sem aulas, sem organização escolar. Do ponto de vista dessas circunstâncias é que ela deve ser julgada.

Essa atividade tem por repertório básico, segundo orientação do Chefe da Divisão de Educação e Recreio, dr. Nicanor Miranda, as canções populares infantís. Ao ar livre, nos dias bonitos, ou, em caso contrário, ao abrigo em dependência adequada, uma ou duas vezes por semana, de acordo com as possibilidades de cada parque, a aprendizagem é feita da maneira mais natural possível, por imitação ou audição, coletivamente, dada a impraticabilidade de fazê-lo individualmente.

Já aqui surge o primeiro problema: de quantos alunos deve ser constituído cada grupo? A experiência do maestro Braunwieser, mormente na contingência frequente de tratar com crianças sem preparo algum de ordem musical, levou-o a trabalhar com grupos de 25 crianças no máximo (justamente o "côbro" do que nos impõem os ginásios). Assim, são mais facilmente verificáveis as deficiências individuais em entoação, ritmo, respiração, dicção etc.; sente-se a criança com maior responsabilidade do que quando se vê perdida, anônima, num grupo muito numeroso; os pequenos relevos de maior capacidade individual são logo notados e, devidamente apreciados e controlados, agem como poderoso estímulo para o indivíduo e para o grupo.

A fidelidade a orientação "recrear" leva a fazer com que as crianças aprendam brincando e cantem com relativa liberdade, como acham bonito, o que já é início de apreciação musical. A ausência de constrangimento leva-as a realizações de admirável espontaneidade, acompanhadas de grande satisfação, capazes de manter-lhes sempre favorável a atitude atual, o que se pôde resumir em maior eficiência dessa aprendizagem e maior força



das suas consequências próximas e remotas.

Na aprendizagem por audição, das duas possibilidades, audição de letra e música conjuntamente, e da letra em primeiro lugar, esta tem sido a preferida. A memorização melódica parece ser facilitada pela inteligência previa do texto, e aqui cooperam as instrutoras, explicando-lhes o sentido e corrigindo-lhes a pronúncia. Tocamos num ponto posto em relevo na tese "Vícios e defeitos na fala das crianças dos Parques Infantís do São Paulo", dos Drs. Nicenor Miranda e J.D. Bueno dos Reis (Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, p.209). Informa a tese, segundo seus quadros estatísticos, que a fala das crianças dos Parques Infantís está eivada de vícios e defeitos; que inúmeras afecções bucais, nasais, oculares, sinusais, laringeas, faríngeas, traqueais, pulmonares, nervosas, mentais e gerais ocasionam distúrbios vocais; que a influência da nacionalidade paterna na gênese de vícios e defeitos é cabalmente evidenciada, embora nem todos sejam permanentes e sim peculiares à idade. Os distúrbios da voz falada, quer as dislalias (perturbações da articulação, da prolação ou do ritmo), quer as disfônias (os que atingem a emissão, ressonância e motricidade laríngea), quando não corrigidos acentuam-se e vão "condenando o ser humano a uma posição visível de inferioridade social". Além dessas razões é inegável o valor da boa pronúncia, da correção da linguagem como veículo de nacionalização e de assimilação entre as crianças dos Parques Infantís, onde é grande a porcentagem de descendentes de estrangeiros. A origem patológica, educacional e mesológica dos defeitos exige correção médica (tratamento cirúrgico, médico, fisioterápico), higiénica e pedagógica, compreendendo esta ginástica respiratória, música, teatro infantil, hora de conto ou de histórias.

Vê-se por aí que o fato aparentemente pouco importante da correção dos textos das canções é parte de um tratamento pedagógico indispensável, dada a magnitude dos defeitos da fala e suas consequências principalmente de ordem moral, as quais ficarão assim subtraídas as crianças dos Parques Infantís.

Obediente à tendência geral do nosso povo (veja-se "O brasileiro e o canto orfeônico", Música e Musicistas, "Estado de São Paulo" de 3-3-1941), o canto nos Parques Infantís a uma só voz, com esforço mínimo das crianças e dentro das normas da aprendizagem menos escolar, mais recreativa, que orienta os Parques Infantís.

A frequência a hora de canto orfeônico é obrigatória. Capazes e incapazes têm sua hora de canto. Mas, dirão, por que não dispensar os indivíduos não dotados, os tais "que não cantam"? Porque justamente esses é que devem ser conduzidos ao nível dos demais. A tarefa não é impossível, e mesmo essa orientação-frequência obrigatória dos não dotados é que deveria ser seguida em todas as escolas, e não nas exibições públicas, pelo menos nos trabalhos internos de prática orfeônica. A ideia parece estranha... Para justificá-la é preciso desfazer um equívoco inicial: são raríssimas as crianças realmente não dotadas. A grande maioria (a totalidade, praticamente), desses casos, não é de incapacidade: é de "não exercício da capacidade". Eu encontrei aluno de ginásio que anteriormente "nunca havia cantado porque não tinha jeito". Na escola primária particular fora excluído dos exercícios de canto por incapaz. Era desafinado realmente, mas com esforço e paciência, em aulas individuais a princípio e depois no conjunto, consegui levá-lo ao nível dos demais. Em algumas semanas e com alguns minutos de trabalho em cada aula, são corrigidos os alunos cuja deficiência é de menor intensidade. No curso normal da Escola Caetano de Campos há a mesma obrigatoriedade e posso citar o fato seguinte: uma aluna tida por "incapaz", a força de frequentar obrigatoriamente o orfeão, acabou vencendo as deficiências, as inibições e todos os fatores depressivos, conseguindo afinal ser excelente orfeonista e hábil no preparo e regência de orfeão infantil.

As canções infantís são objeto de preferências mais ou menos acentuadas. Influem principalmente para isso, segundo observação



do prof. Braunwieser, o estado psíquico atual da criança, a melodia e a letra da canção, a concordância entre a extensão da voz infantil e a tessitura da melodia a musicalidade e desenvolvimento psíquico e os chamados fatores indeterminados ou "fatos casuais". Tais razões de preferências, sempre em função do interesse infantil, constituem legitimamente algumas das características que deve possuir um canto escolar, tão importantes na escolha do repertório para as escolas. Na impossibilidade de referir-me a todas as causas acima, comentarei as de interesse mais geral.

Quanto a "melodia e letra da canção", notemos que a expressão "melodia" compreende aqui melodia e ritmo. Melódicamente agradam mais as canções simples, diatônicas, sem modulações. É que nesse caso a melodia é firmemente contida na "quadratura" da frase, e concisa, com a simples oscilação harmônica tônica-dominante que não chega a perturbar a criança em virtude da elementaridade desse processo. Quando a melodia tem um ritmo incisivo, característico, principalmente de marcha, a canção se torna irresistível e objeto de preferência incondicional. Por isso pediram ao maestro Braunwieser algumas canções de carnaval. Ante a recusa houve pequena decepção. Essas canções de carnaval são o flagelo dos professores. No curso fundamental da Escola "Caetano de Campos", onde leciono, aconteceu algo semelhante. Numa das classes a canção "Pirolito que bate, bate" servia de texto para a aula. A petizada, a um certo momento, achou que a melodia estava "errada" e, a meu pedido de oferecerem a versão "exata", apresentaram o "Pirolito" carnavalesco deformado, entretanto muito mais conhecido e pelo qual se achavam de há muito envenenadas, graças a difusão radiofônica.

A auto expressão-rítmica, poderosamente estimulada por certas melodias, corresponde fundamentalmente a certos "motivos" da criança e, quando satisfeita, além do merito próprio, tem, pelo prazer que causa, o de auxiliar eficazmente a disciplina.

Observei o prof. Braunwieser nos Parques Infantis, a reação ante o estímulo rítmico. "Quando um menino canta, logo um outro inventa e bate, acompanhando-o, um ritmo sobre qualquer coisa que esta perto e tem de servir como instrumento de percussão", consignou ele. Não lhe escapam outras oportunidades de auto-expressão. Vi-o permitir a exibição solista da pequena Dulce, do Parque Infantil do Ipiranga, uma menina de 4 anos, extraordinariamente afinada, possuidora de excelente memória musical e tentando já uma "expressão" particularmente interessante. Não será ela, futuramente, uma Mary Anderson? O grupo mostrou-se orgulhoso da sua "solista" e o canto de conjunto, imediatamente seguinte, revestiu-se de maior entusiasmo do que os anteriores. Como brilhavam contentes aqueles olhinhos inteligentes...

Importante ainda é o interesse do assunto. São mais apreciadas as canções cuja letra conta uma história, ou se integra numa narrativa ou dramatização (como as de "A Marujada", por exemplo), mesmo que seja pequeno o valor musical da melodia. Por vezes a letra estimula a imaginação como em "Sal Bicho Papão", "Cuca vem pegar" etc. A este respeito é interessante assinalar o fantástico, o irreal de certas letras de cantigas infantis nacionais, cuja origem Gilberto Freire poderia facilmente explicar, e cuja ação estimuladora deve ser objeto de estudo quanto ao valor e conveniência. Lembro-me de que, organizando na Escola "Caetano de Campos" um album das nossas canções infantis, numa terceira série, e para não desanimar algumas alunas "sabidas" em francês e inglês, aceitei canções nessas línguas e, traduzido o texto, propuz a comparação com as nossas. Uma "berceuse" inglesa foi comparada ao "Bicho Papão" e ao "Cuca". Aquela era muito objetiva, real, falando em prados verdes, carneirinhos, arvores, campinas, quadro sempre presente, habitual aos olhos das crianças a que se destinavam; estes, fantásticos, com seres imaginários, veiculados talvez pela mentalidade primitiva das mucamas. Uma aluna tentou comentários que, necessariamente, valiam pela intenção, assinalando as diferenças e as correspondências com o psiquismo das duas raças, cujos elementos mais profundos afluíam nas respectivas canções.

(continua no próximo mês)



ASSUNTOS DE HORTICULTURA

A Importância da Água na Horta

No Boletim de Agosto foi publicado um trabalho sobre adubação da horta, lembrando-se, também, da necessidade da construção da estrumeira.

O adubo distribuído na horta, deverá ser espalhado sobre a terra, e, em seguida incorporado a mesma, por meio de uma boa escarificação.

O sólo estando bem trabalhado, ou melhor, escarificado, será um sólo permeável e fértil, porque há passagem de ar e água.

O terreno da horta, não deve ser preparada apenas revolvendo e adubando a terra, mas, é preciso também regar copiosamente todos os canteiros e, com regularidade. Assim não atrasará o crescimento da planta e auxiliará a solubilização dos sais contidos na terra. O fósforo, potássio e azoto são elementos indispensáveis às plantas hortícolas cujo ciclo é muito rápido e necessita para seu desenvolvimento, de curto espaço de tempo. Se fizermos irrigações ligeiras, a faixa do sólo torna-se rígida e a plantinha, para aproveitar a água, emite muitas raízes superficiais em vez de profundas, o que prejudica sua estabilidade e diminui sua resistência às secas.

Os adubos orgânicos fornecem à terra esses elementos e além disso possuem a propriedade de reter à terra grande quantidade de água para a planta.

A água é um elemento de grande importância para a hortaliça. É de se lamentar que se deixe um pouco de lado o trabalho de irrigação que garante o sucesso quando o executamos de maneira racional.

Devido a estiagem que atravessámos até o mês de setembro pudémos observar a profunda alteração no equilíbrio interno da planta, que, perdendo sua elasticidade rachou e, desta maneira foi aberta por onde entraram as bactérias de podridão e microsseres nocivos. Isto é prova real da importância da água na cultura das hortaliças.

Os jornais foram unânimes em proclamar a "requeima" dos tomateiros, principalmente nos arredores da Capital.

"Sem água, artificialmente levada às hortas não se podem ter culturas satisfatórias, a não ser em época de chuvas."

É por isso que se torna necessária a instalação da torneira dentro do terreno da horta, o que virá facilitar o trabalho dos nossos pequenos horticultores.

Não basta a instalação da torneira; é preciso ter regadores, adequados às crianças, para assim fazer a distribuição mais econômica, por aspersão.

Futuramente poderíamos fazer a distribuição uniforme da água pelos modernos "chuveirinhos" ou pulverizadores ligados à mangueira. Dispensaríamos, desta maneira, para a horta, o regador que no momento está faltando na praça, devido, a falta de fôlha de flandres.

Nunca devemos consentir que a mangueira seja utilizada na horta sem o chuveirinho, pois, o jacto da mangueira endurece a superfície da terra.

A distribuição do volume de água numa horta depende do tempo, estado e natureza da terra e plantas. O aspecto da folhagem da planta orienta-nos sobre a necessidade de água.



Assim na época de sêca, serão suficientes de 4 a 5 litros de água por metro quadrado, num dia, para regar bem e alimentar a planta como deve ser.

Toda rega deve ser copiosa; o benefício será pouco se houver um simples umedecimento de sólo. Molhando apenas a superfície do sólo a água não chegará as raízes que são canais coletores e condutores que recebem os alimentos vindos do sólo e absorvem a água.

A água utilizada numa horta deve ser pura, doce, arejada e possuir a temperatura do ambiente; nunca ser estagnada pois, a falta de oxigênio virá matar a planta por asfixia das raízes.

Outro ponto a observar é o excesso de água, que dificultando o arejamento da terra, facilita a proliferação de fungos (excrecência esponjosa produzida pela decomposição das raízes, com separação da casca e formação de espessa rêde de filamentos brancos) que será contraproducente.

Deve-se drenar o terreno, principalmente, após sobrevirem grande chuvas.

A água consêrva as células das plantas fortemente esticadas, e é por isso que a planta se conserva erécta embora não possua partes lenhósas.

Duas condições essenciaes para o bom andamento da horta: quantidade diponível de água e trabalho daquelle que déla trata.

Numa horta o trabalho é bastante, o serviço ás vezes é penoso e traz algumas contrariedades e prejuizos com o aparecimento de pragas e moléstias.

Haverá prazer na vitória sem a luta?!

Quanto ao horário das irrigações, poderá ser pela manhã e à tarde, mas é preferivel ser durante o inverno pela manhã e no verão à tarde.

No verão as irrigaçãoe devem ser nas últimas horas do dia isto porque os raios solares tornam-se mais brandos e com isso não provóca a evaporação violenta, o que causará, desta forma, chóque às plantas durante o inverno. Apesar da rápida evaporação, a irrigação nas últimas horas é mais útil.

Durante o inverno é aconselhável fazer irrigação pela manhã. Nunca fazê-la quando sol estiver quente.

Thereza Pedroso

Monitora Agrícola



Os trabalhos apresentados para finalizar a exposição de parte do material didático, que poderá ser utilizado pelas crianças em idade pré-escolar, são executados com a colaboração de massa, piassaba, palitos, etc... Entre alguns trabalhos podemos citar:-

1 - PINTURA A DEDO

É usada em alguns casos de observações psicológicas e é de grande valor, neste caso também, para as educadoras.

A criança, por sua vez, aprecia muito este trabalho, por não ser tão comum e ser muito interessante. Utilizamos nêle o papel brilhante, branco, unedecido. Consiste em a criança espalhar a tinta, (que será feita pela educadora) sôbre o papel, e em seguida ir riscando com o dedo, o desenho que queira fazer.

Depois de sêco, o trabalho pode ser guardado ou utilizado em quadrinhos. A tinta utilizada nêste trabalho é a seguinte: 1 chic. (chá) de polvilho, maizena ou farinha de trigo; 1 colher (sopa) de goma de amido; 1 chic. (chá) de água fria; pó de pintor a vontade.

Leva-se ao fogo e faz-se um mingáu bem duro. Põe-se por último o pó de pintor e bate-se bem.

Esta tinta em geladeira pode ser conservada durante algum tempo.

7 - TRABALHOS DE CONCHAS

Sabemos que havendo um centro de interêsse, os trabalhos são executados com maior boa vontade e mesmo, maior interesse pelas crianças.

A concha pode ser utilizada para centros de interêsses bem extensos, pois ela se presta para quasi todos os trabalhos. Por exemplo, o centro de interêsse premeditado é meio de transportes; podem então ser feitos os seguintes trabalhos:- Carrocinha:- com uma concha grande e duas pequenas que serão as rodas, faz-se uma carrocinha, e com a plastilina faz-se o animalzinho puxando; Carro de boi:- é feito do mesmo modo, porém, para ficar diferente, usa-se concha diferente. Automóvel:- faz-se de massa, sendo que em suas rodas e sua capota, podemos utilizar a concha. O Avião e o navio:- também podem ser feitos de conchas, assim como diversos estilos de barcos pequenos como veleiros, canoas, etc..., podem ser executados com este material.

Podemos ainda utilizar a concha em outros trabalhos como:- Flores:- uma bolinha de massa presa a piassaba e as conchas presas a massa. Estas conchas podem ser coloridas naturalmente ou então pintadas pelas crianças. Bichinhos como:- borboleta:- o corpinho será feito de massa, e presa a esta as duas azas. Suas antenas são de piassaba. Servirá de base, uma concha grande. Deste estilo, só que, com conchas menores, poderão ser feitas a mosca e a abelha. Pinguim:- duas conchas iguais e fechadas, formarão o corpo, servirá de base outra concha grande, tendo, ainda, duas iguais, abertas lateralmente, sôbre o corpo, formando as azas. A cabeça pode ser feita de massa e o bico, de caramujo bem pequenino, na falta deste, poderá ser utilizada a piassaba ou a própria massa.

Depois de feito isto, poderá ser esmaltado com as respectivas cores.



Peru:- duas conchas, iguais, fechadas, que formarão o corpo, servirá de base outra concha grande virada. A cabeça, as patas e o papo, (a barbela) poderão ser de massa e o bico, de caramujo, piassaba ou a mesma massa. Deverá, também, ser pintado de acôrdo.

8 - TRABALHOS DE AMENDOIM

Com o amendoim poderão ser feitos, também, alguns trabalhos como por exemplo:- Ratinho:- seu corpo será o amendoim, devendo ficar com o tamanho mais ou menos pequeno, de acôrdo com sua cabecinha, suas patas e seu rabinho, podendo os mesmos serem feitos de massa. O homenzinho:- seu corpo será o amendoim, sua cabeça e seus membros de massa. A mulherzinha:- será feita da mesma forma, assim como outros enfeites que imaginemos.

9 - TRABALHOS FEITOS COM PINHÃO

Com o pinhão podemos fazer o passarinho, o patinho e aves em geral. Passarinho:- aproveitando-se, como comumente chamamos, a cabecinha do pinhão, faremos a cabeça da ave de massa. A parte mais fina do pinhão será o seu rabinho, o bico e as azas poderão ser feitos de concha ou mesmo de massa. O patinho poderá ser feito da mesma forma, só que, de preferência deverá ser pequeno e um pouco cheinho.

10 - TRABALHOS FEITOS COM ROLHA

Para os trabalhos feitos com rolhas, os quais são bastante conhecidos, utilizamos também a massa, alguns palitos e cartolina desenhada com a cabeça do animal que se deseja fazer.

Dá-se um talho horizontal no meio da rolha e aí coloca-se a cabeça que já foi desenhada e recortada. As patas são feitas de palitos e presas a rolha com a massa. Assim também podemos fazer a galinha, o galo, o porquinho, o cavalo, etc.

11 - TRABALHOS FEITOS COM CAIXAS DE FÓSFORO

Com as caixas de fósforos podemos fazer mobiliazinhas, trabalho que já é bem conhecido.

Estas mobílias podem ser forradas com papel celofane ou espelho, ou então com pano. Ao invés de utilizarmos a goma arábica neste trabalho, podemos utilizar a massa cola-tudo.

12 - TRABALHOS FEITOS COM BUCHA

Os trabalhos feitos de bucha, são de preferência árvorezinhas, de qualquer feitio e tamanho. Sua copa será feita com a bucha e seu tronco será um carretel. A bucha poderá ser tingida com a tinta já citada em trabalho anterior, isto é, a tinta feita com álcool e papel de seda.

Prende-se a copa ao tronco por intermédio da massa cola-tudo.

13 - TRABALHOS FEITOS COM FEIJÃO

Esses trabalhos se resumem na execução de diversos colares para enfeites. Conforme o grão do feijão ou da semente que utilizarmos, poderá ser o tipo do colar. Deixa-se o feijão de molho durante uma noite. No dia seguinte, passa-se o mesmo por um fio de linha ou barbante, à vontade. Deixa-se secar e tira-se do fio. Logo após são pintados, também, à vontade, e depois será feito o colar. Ficam muito bonitinhos enfeitam muito, e o principal, são feitos pela criança.



P R E F E I T U R A D O M U N I C Í P I O D E
S ã o P a u l o

Notas de frequentadores das Unidades Educativo-Assistenciais,
durante o mês de outubro de 1.950

PARQUES INFANTIS

12)	P.I. São Rafael	6.375
22)	P.I. Barra Funda	5.634
32)	P.I. D. Pedro II	4.983
42)	P.I. Vila Romana	4.815
52)	P.I. Itaim	4.400
62)	P.I. Eurico G. Dutra	4.364
72)	P.I. Casa Verde	4.350
82)	P.I. Ipiranga	4.216
92)	P.I. Catumbi	4.199
102)	P.I. Vila Guilherme	4.104
112)	P.I. Ibirapuera	3.636
122)	P.I. Vila Maria	3.536
132)	P.I. Lapa	3.506
142)	P.I. São Miguel	3.481
152)	P.I. Penha	3.364
162)	P.I. Osasco	3.274
172)	P.I. Benedito Calixto	3.255
182)	P.I. Sto. Amaro	3.201
192)	P.I. L. de Vasconcelos	3.121
202)	P.I. Bom Retiro	3.008
212)	P.I. Leonor M. Barros	2.784
222)	P.I. Brooklin	2.260

RECANTOS INFANTIS

12)	R.I. Praça da República	3.746
22)	R.I. Jardim da Luz	958

CENTROS DE MOÇAS

12)	C.M. Barra Funda	1.315
22)	C.M. Sto. Amaro	836

CENTROS DE RAPAZES

12)	C.R. D. Pedro II	1.834
22)	C.R. Ipiranga	1.523
32)	C.R. Lapa	931
42)	C.R. Vila Romana	626

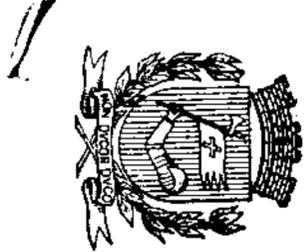
CENTROS DE MOÇAS E DE RAPAZES
QUE FUNCIONAM APENAS TRÊS VEZES
POR SEMANA

12)	C.M. Tatuapé	482
22)	C.M. Catumbi	223
32)	C.R. Taquapé	628
42)	C.R. Catumbi	366

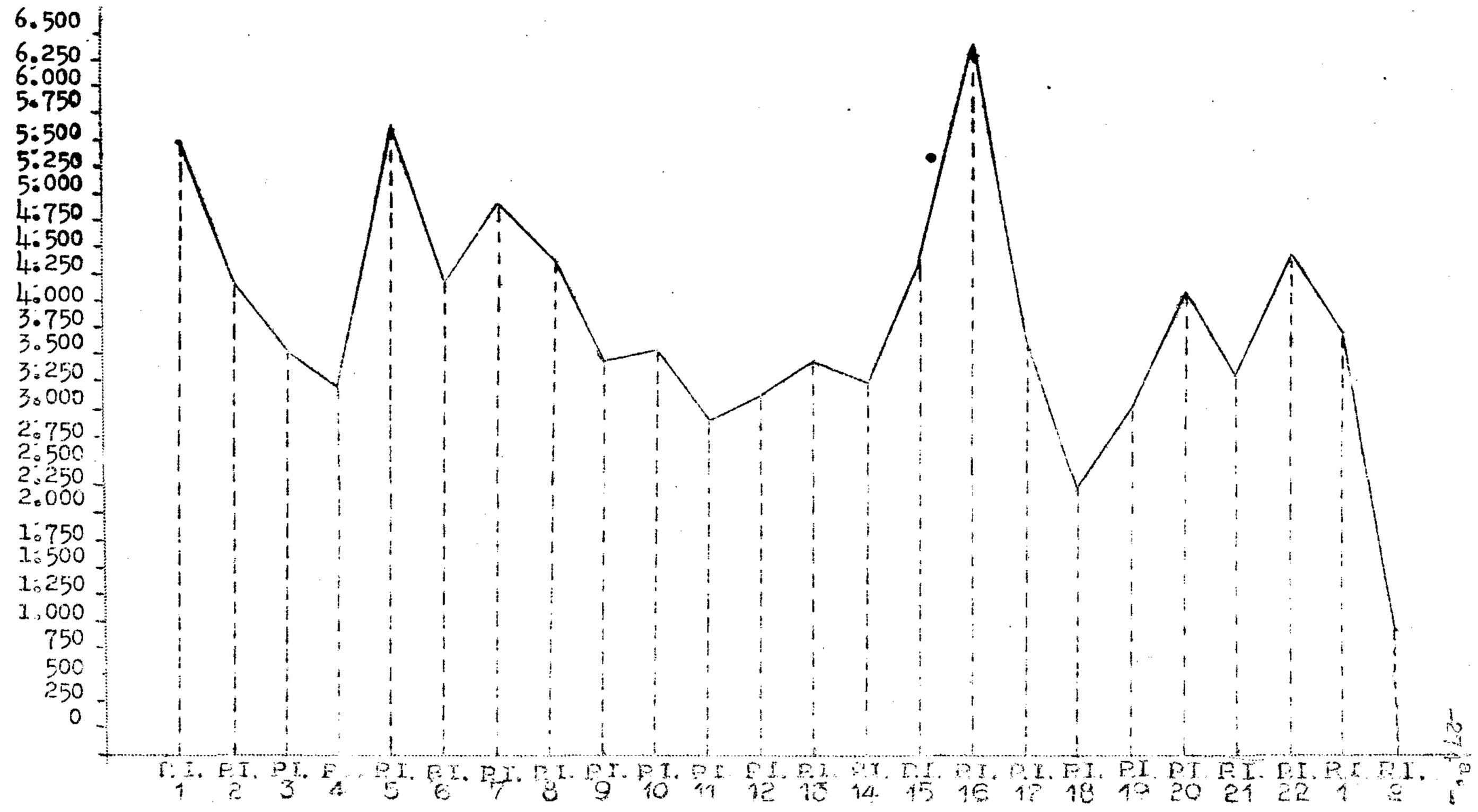
NOTA: Os Parques estão classificados pela frequência em ordem decrescente.

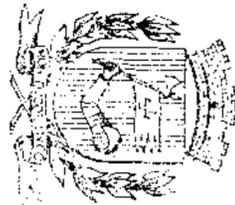
São Paulo, 27 de novembro de 1950

Maria B. M. Fassarella
Encarregada do Serviço de Estatística
de Ed-101.



FREQUÊNCIA NOS PARQUES E RECANTOS INFANTIS
MÊS DE OUTUBRO DE 1.950

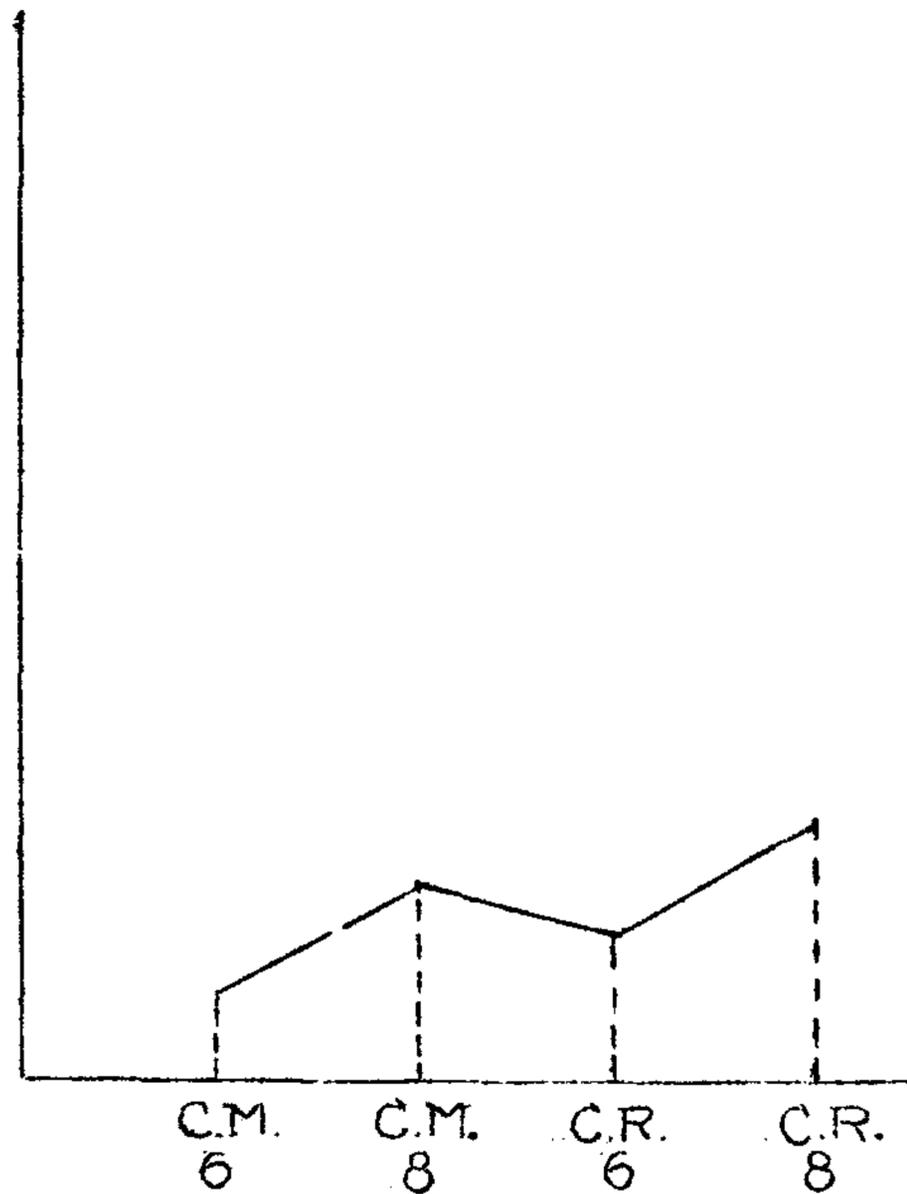
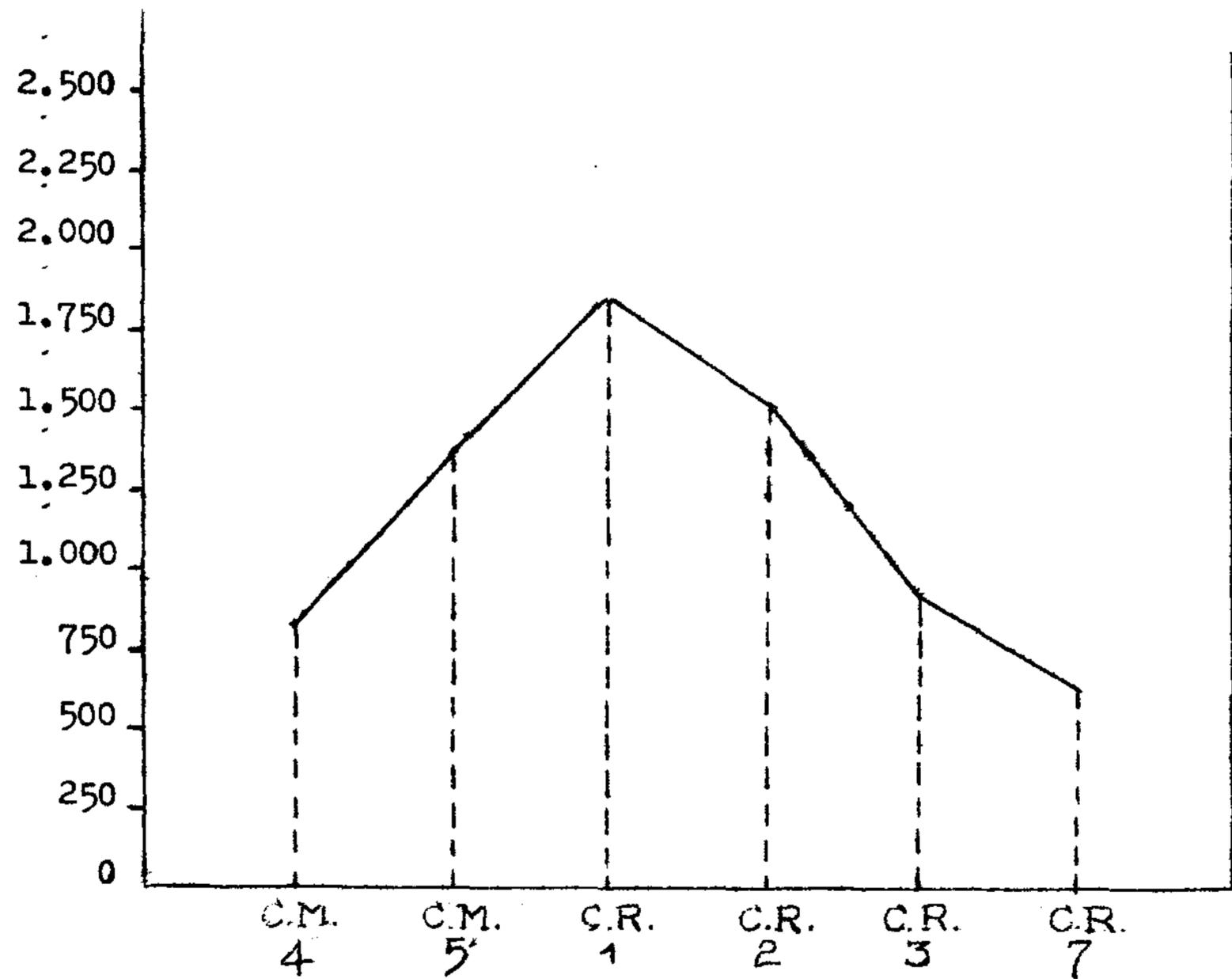




MÊS DE OUTUBRO DE 1.950

CENTROS DE MOÇAS E DE RAPAZES QUE FUNCIONAM DIARIAMENTE

CENTROS DE MOÇAS E DE RAPAZES QUE FUNCIONAM APENAS TRÊS VEZES POR SEMANA



RESENHA BIBLIOGRÁFICA

EDUCAÇÃO

Título do livro: O Grande Problema Estudos sôbre Educação.

Autor: José Francisco Rodrigues.

José Francisco Rodrigues depois de breves palavras inicia o livro propriamente dito, cujo primeiro capítulo denomina-se Ato de Fé. Constituem estas páginas um preâmbulo no qual o autor fala de sua fé no grande poder da educação.

Passa a falar então da educação, sua definição, suas finalidades e diz ainda da necessidade da educação individual e social, assim como de suas funções.

Examina depois o problema da ciência a serviço da educação. Discorre a seguir sôbre a Higiene e Assistência na educação.

O autor inicia então uma nova parte, que êle denomina "A Educação nas Relações diárias" ou "O Decálogo da Arte de Bem Viver."

Nesta parte Francisco Rodrigues examina os dez artigos do Decálogo acima citado, concluindo esta parte com uma transcrição da tradução do poema de Kipling "If".

Principia então o autor a expor o problema da educação da mulher. Fala da necessidade social dessa educação e faz um breve resumo histórico da educação da mulher através dos tempos.

Responde então à pergunta: - É o homem superior à mulher? - fazendo antes uma série de considerações sôbre o pêsso, a altura, o pêsso do cérebro nos dois sexos, sem no entanto dar grande valor a essas diferenças, concluindo que a superioridade de um sôbre outro é impossível de ser afirmada. Capítulo interessante é este pois, o autor nos mostra o pensamento de diversos autores sôbre êste assunto.

Passa então a descrever o que deve ser a educação na mulher. Fala da educação física, sexual, econômica, moral e intelectual.

Segue-se uma outra parte denominada - A Orientação e a Seleção Profissionais, Fatores de Progresso, onde o autor trata da psicotecnia seus problemas e suas utilidades.

Examinando o problema das escolas acha o autor que devemos transformá-las, e expõe a questão da Escola Nova. Discorre no capítulo seguinte sôbre a Pedagogia Nova e seu sentido.

Comenta o Espírito da Escola e fala da arte na educação.

Sôbre a educação social êle diz que ela é uma necessidade e nasceu como reação à escola individualista, intelectualista e artificial.

Francisco Rodrigues dá grande valor ao papel da família na educação e critica algumas famílias cujos pais desprezam as obrigações de educar seus filhos.

Fala agora, o autor da Educação ligada ao turismo e aprecia essa comunhão.

Para terminar o livro vamos encontrar alguns retalhos de pedagogia e os dez mandamentos do educador.

Responsabilidade de José Eduardo C. Lopes e
Jorge de Oliveira Coutinho.

23 de novembro de 1950

J. O. C.



SEÇÃO TÉCNICO-EDUCACIONAL

= 297 =

MUSEU E MATERIAL DIDÁTICO

Movimento do mês de outubro de 1950

Material didático emprestado	Unidades
Álbuns:	
Semana da Criança	Ed. 1
Semana da Criança - nº 8	Ed. 1
Album de Puericultura - nº 9	Ed. 1
Poesias:	
Menino Jesus - nº 36	P. I. Lapa
Prece a Papai Noel - nº 31	P. I. Lapa
Músicas:	
O Presépio de São Francisco	P. I. Lapa
Dramatizações:	
Auto de Natal- O Sonho da Vovózinha na Véspera de Natal- nº 1	P. I. Lapa
Os Sinos de Natal - nº 2	P. I. Lapa
O Natal - nº 5	P. I. Lapa
Quadros Vivos: Anunciação, o Presépio, História, Mistério de Natal e Visita aos Pastores - nº 3	P. I. Lapa
Auto de Natal - nº 4 (em um ato)	P. I. Lapa
O Presépio de São Francisco - nº 6	P. I. Lapa
Natal e Missão dos Apóstolos - nº 9	P. I. Lapa
Trabalhos Manuais:	
Guirlanda de Natal - nº 297	P. I. Lapa
Vela confeccionada de cartolina e brocal - nº 312	P. I. Lapa
Castiçal de cartolina e brocal - nº 307	P. I. Lapa
Árvore de Natal (cartolina e papel celofane) nº 298	P. I. Lapa
Sininho - nº 332	P. I. Lapa
3 velas e um sininho (castiçal) - nº 309	P. I. Lapa
Bota vermelha (papel crepon) - nº 36	P. I. Lapa
Bichinho feito de rolhas e palitos de <u>ós</u> foros	Ed. 101
Dois modelos de esteirinhas de ráfia nºs. 230 e 230	Ed. 101
Relação do material para modelo cedido por empréstimo à Ed. Eurydice Martins Seabra, do P. I. Ibirapuera, por ocasião de sua excursão ao Paraguai:	
Esteirinha de ráfia natural (trabalho de <u>te</u> celagen) nº 549	P. I. Ibirapuera
Argolinhas forradas c/ <u>lã</u> azul (esteirinha) nº 102	P. I. Ibirapuera



Material didático emprestado	Unidades
Bonequinho de arame recoberto c/ lã vermelha - nº 64	P.I. Ibirapuera
Enfeite de Natal (ramo de fôlhas) nº 303	P.I. Ibirapuera
Burrinho de rôlhas - nº 217 a	P.I. Ibirapuera
Porta-jóias de palitos e fitas cor de rosa - nº 376	P.I. Ibirapuera
Chapéuzinho de feltro porta-dedal e alfinetes - nº 540	P.I. Ibirapuera
Toalhinha de lã amarela (tecclagem) nº 271	P.I. Ibirapuera
Trabalhos manuais:	
Cabide de criança recoberto de fazenda (enfeites de fitas e sachê de organdi-trabalho de costura à mão) nº 565	P.I. Ibirapuera
Foquinha confeccionada em feltro e algodão - nº 532	P.I. Ibirapuera
Papel Noel confeccionado em feltro e algodão - nº 345	P.I. Ibirapuera
Convite para festa de São João - violão de madeira (recorte, desenho e pintura) 510	P.I. Ibirapuera
Bota de madeira (recorte, pintura e colagem) - Enfeite de Natal - nº 329	P.I. Ibirapuera
Convites:	
de Natal - P.I. Lins de Vasconcelos - nº 1	P.I. Ibirapuera
de Natal - P.I. Benedito Calixto - nº 2	P.I. Ibirapuera
de Páscoa - P.I. Santo Amaro - nº 3	P.I. Ibirapuera
P.I. Santo Amaro - nº 5	P.I. Ibirapuera
P.I. Leonor M. Barros - nº 6	P.I. Ibirapuera
P.I. Lins de Vasconcelos - nº 7	P.I. Ibirapuera
Álbuns:	
nº 2 - (coleção) - Misto Ibirapuera	P.I. Ibirapuera
nº 1 A. Db. - Dobradura Casa Verde	P.I. Ibirapuera
nº 1 A. Alv. - Cartões de alinhavos - Ibirapuera	P.I. Ibirapuera

Material didático recebido	Unidades ofertantes
Trabalhos manuais:	
Enfeite para festa da Primavera (flores de papel crepon) nº 562	P.I. Lapa
Enfeite para festa da Primavera (flores de papel crepon) nº 563	P.I. Lapa
Pasta de cartolina para recortes com enfeite de flores - nº 564	P.I. Lapa
Cabide de criança, recoberto de fazenda (enfeites de fitas e sachê de organ di) trabalho de costura à mão - nº 565	P.I. Sto. Amaro



Material didático recebido	Unidades ofertantes
Convite p/ festa da Semana da Criança, capa em cartolina com desenho e pintura sôbre motivos alusivos à festa- 566	P. I. Itaim
Programa da festa da Semana da Criança capa em cartolina pintada, sôbre motivos alusivos à festa- nº 567	R. I. Pr, República
Enfeite de mesa (recorte, colagem e pintura)- Coelhoinho - nº 568	P. I. Sto. Amaro
Cestinha de ovo com flores (enfeite de mesa) - nº 569	P. I. Sto. Amaro
Veado, confecção em pano couro com enchimento de algodão- nº 570	P. I. Sto. Amaro
Convite - nº 571	P. I. Sto. Amaro
Barra em miniatura para festa da Páscoa-572	P. I. Sto. Amaro
Ramalhete de flores- Papoulas e violetas-573	P. I. Sto. Amaro
Convite - nº 574	P. I. Sto. Amaro
Convite - nº 575	P. I. Sto. Amaro
Saquinho para balas (recorte, colagem e pintura) - nº 576	P. I. Sto. Amaro
Programa para festa da Páscoa - nº 577	P. I. Sto. Amaro
Modêlo de corça de Páscoa - nº 578	P. I. Sto. Amaro

SEÇÃO TÉCNICO-EDUCACIONALBIBLIOTECA ESPECIALIZADA

Movimento - Outubro	Total	Porcentagem sobre o total
Bibliotecária	6	7,14
Educadora Musical	7	8,33
Educadora Recreacionista	19	22,62
Educadora Sanitária	10	11,90
Educadora Social	5	5,95
Externo	4	4,76
Funcionário Administrativo	28	33,33
Instrutor	1	1,19
Operário	4	4,76
Total	84	99,98%

Classes consultadas	Total	Porcentagem sobre o total
FILOSOFIA - 100		
Filosofia em geral - 100	4	4,76
Psicologia especial - 130	7	8,33
Psicologia em geral - 150	3	3,57
Moral e ética - 170	1	1,19
SOCIOLOGIA - 300		
Sociologia em geral - 300	2	2,38
Administração - 350	2	2,38
Educação - 370	9	10,71
Folclore. Usos e costumes - 390	4	4,76
FILOLOGIA - 400		
Língua alemã - 430	1	1,19
Língua espanhola - 460	2	2,38
CIENCIAS APLICADAS - 600		
Medicina - 610	5	5,95
Agricultura - 630	1	1,19
Economia doméstica - 640	2	2,38
ARTES - 700		
Música - 780	1	1,19
Divertimentos - 790	15	17,86
LITERATURA - 800		
Ficção	9	10,71
Romance	14	16,67
HISTÓRIA, GEOGRAFIA - 900		
Biografias - 920	2	2,38
Total	84	99,98%



PLANTÃO MÉDICO

ASSISTÊNCIAS ESPECIALIZADAS

Para as Unidades Educativo-Assistenciais da
Divisão de Educação, Assistência e Recreio.

MÊS DE DEZEMBRO

Dia do mês	Médico	Telefone
1	Clara Classer	3-8700
2	Sílvio Laurindo	7-0834
3	Milton C. Andrade	6-5492
4	Cosar de Natale Netto	2-5412
5	Orlando Henrique da França	6-3880 - 3-7566
6	Oscar Teixeira	2-2999
7	Lily Souza Woingrill	8-1397
8	Ataliba Leite de Freitas	7-9062
9	Felipe José Figliolini	8-5763
10	Ernesto de Mello Kujawski	8-8735 - 2-2818
11	Eugenio Monteiro Junior	6-1096 - 7-7957
12	Moacyr Pádua Vilela	7-8719 - 4-8910
13	Oswaldo Hellmeister	2-5819
14	Alexandre Médicis R. da Silveira	52-3436
15	Eraldo Amoruso	2-2227
16	Moacyr de Pádua Vilela	7-8719 - 4-8910
17	Victor Khouri	7-2161
18	Abdala Razuk	7-0321
19	Adolpho Goldenstein	7-1706
20	Cesário Tavares	9-3768
21	Fernando Ramirez Cruz	51-4951
22	Joaquim da Costa Marques	7-0303
23	Paulo Giovanni Bressan	3-4198/9 7-7319
24	Vera Lima Korke	3-3973
25	Alberto de Mello Balthazar	7-2873 4-0917
26	Walter Gomes	4-4388 57-Sto. Amaro
27	Carlos Serino Netto	9-6972
28	Mário Ranieri	9-0815
29	Waldomiro Pesce	7-8450
30	Elvira Faro	2-9628
31	Fuad El Assal	7-4207 6-2985

- NOTAS: 1º) Se o médico do dia não puder atender, a diretora telefonará ao Dr. Victor Khouri, tel. 7-2161.
- 2º) A condução deverá ser requisitada à Chefia e se não houver possibilidade no momento, o médico usará taxi e apresentará depois a nota de despesa ao setor de "ASSISTÊNCIAS ESPECIALIZADAS".
- 3º) O Dr. Edmundo Campanha Burjato atenderá todo e qualquer caso do P.I. 21 - Osasco.

NOTICIÁRIO

Parque Infantil Lins de Vasconcelos

Exposição de Trabalhos

O Parque Infantil Lins de Vasconcelos inaugurou aos 22 de Novembro p.p. sua exposição de trabalhos, que permaneceu aberta até dia 27.

Visitou a exposição o Dr. Henrique Smith, D.D. Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, que se fez acompanhar de Dona Maria Aparecida Duarte, D. Angélica Franco e D. Ida Jordão Kuester.

A Diretora do Parque agradece, por nosso intermédio, às Diretoras e Funcionárias das seguintes Unidades Educativo Assistenciais: Vila Guilherme, Sto. Amaro, Vila Maria e São Rafael, as quais, apesar do mau tempo, compareceram a festa de inauguração, bem como inúmeras famílias de parqueanos.

A Exposição foi armada em duas salas, destinando-se uma aos trabalhos de crianças de 3 a 7 anos, e outra, aos de crianças de 7 a 12 anos.

Entre os vários trabalhos expostos destacaram-se: enxovalzinho para bebê; um fichário para datas comemorativas; inúmeros quadros; vários albuns, sendo um deles sobre o histórico da horta, além de muitos trabalhos de marcenaria.

Encerrando a festa, pelas Educadoras foi oferecida uma mesa de doces aos presentes.

de
Centros de Rapazes e Moças do Catumbi e Tatuapé

(S.M.R.6 - 8)

Em comemoração a data da Proclamação da Republica realizou-se aos 15 de Novembro p.p., na sede dos Centros de Moças e de Rapazes do Tatuapé, magnífica festa de campo, com a participação dos educandos dessas unidades e dos Centros de Moças e de Rapazes do Catumbi.

Estiveram presentes o Exmo. Sr. Diretor do Departamento de Educação, Assistência e Recreio, Dr. Henrique Smith e Exma. Sna., o Representante do Departamento de Educação Física - Prof. Antonio Boaventura da Silva, Dona Maria Aparecida Duarte - D.D. Assistente Técnica do nosso Departamento, - as Conselheiras: Angélica Franco, Rui Guglielmetti e Maria S. de Lourdes Sampel, vários Diretores e Educadores de nossas unidades Educativo-Assistenciais, e funcionários administrativos da Divisão.

A confraternização de educandos e Educadores das quatro Unidades Educativo-Assistenciais resultou numa esplêndida experiência educativa cujos frutos foram muito apreciados pelos que tiveram a ventura de assistir a festa em apreço.

Devidamente orientados por Educadores conscientes da enorme responsabilidade que lhes pesa aos ombros, - (qual seja a missão sublime de formar personalidades íntegras e sadias), - os rapazes e moças daquelas Unidades Educativo-Assistenciais tiveram ótimas oportunidades educativas durante a primeira quinzena de novembro, quando funcionaram



conjuntamente no Tatuapé os Centros de Moças e de Rapazes que têm esse nome e os do Catumbi.

Essa medida, - funcionamento das quatro unidades numa só, - visando possibilitar os preparativos e ensaios em comum, - facilitou grandemente o êxito da festa, incentivando nos jovens o espírito de colaboração, conduta social e esportiva, disciplina, ordem, iniciativa, otimismo, etc.

Aprendendo que, no esporte como na vida é preciso não só saber ganhar, mas também saber perder, os educandos do C.M.R. 6 e C.M.R. 8, nos jogos e demais atividades de Educação Física mantiveram-se numa linha de conduta esportiva digna de elogios.

Seguindo o lema de Pierre de Coubertin, cognominado "Pai dos jogos Olímpicos Modernos", - "o interessante é competir e não vencer", - as moças e rapazes do Catumbi e Tatuapé, (apesar do pouco tempo de funcionamento daquelas Unidades e de não terem as moças sequer, ainda uma professora de educação física), saíram-se muito bem nos números que apresentaram.

Após a festa de campo e visita às dependências da Unidade, os convidados de honra foram encaminhados para a "sala-surpresa", devidamente decorada com motivos alusivos à data da Proclamação da República, onde os aguardava farta mesa de doces e salgadinhos, muitos dos quais confeccionados pelas próprias educandas, no C.M. 8.

Em resumo foi este o programa desenvolvido no dia 15 de Novembro no C.M. e C.R. do Tatuapé.

1ª Parte

Desfile - de todos os educandos do C.M. e C.R. Catumbi e C.M. e C.R. Tatuapé.

2ª Parte

Queimada - Jogo - educandas C.M. 6 e C.M. 8
Ataque e Defesa - exibição - C.R. 6 e C.R. 8
Corrida de estafeta com braçal - Jogo - C.M. 6 e C.M. 8.

3ª Parte

Ginástica acrobática - C.R. 6 e C.R. 8.

4ª Parte - Merenda

Aos Diretores e demais Educadores dos Centros de Moças e de Rapazes do Tatuapé e Catumbi, os nossos sinceros parabens e votos de constante progresso.

oooooOooooo